

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Ano XXII

OUTUBRO - DEZEMBRO DE 1960

N.º 4

A REGIÃO DO ALTO CURSO SUPERIOR DO TIETÊ

JOSÉ DOMINGOS TÍRICO

Se quisermos buscar motivos por que estudar a região do alto curso superior do Tietê, bastaria a proximidade da capital e a escassez de estudos de detalhes sobre a área para suscitar a curiosidade do pesquisador. Entretanto, argumentos insuspeitados que fogem à primeira vista, foram descobertos no decorrer de nosso trabalho.

A decantada pobreza dos solos e a incapacidade do desenvolvimento da maior parte das regiões de morros cristalinos que circundam a zona suburbana da capital paulista, sofre sérias objeções, para quem viaja pela secção mojiana do alto curso superior do Tietê. É bem verdade que ali existem vários espaços alargados de várzeas que são largamente usadas, mas não é menos verdade que grande parte das culturas são de meia encosta de morros cristalinos. Vimos aí a pujança da chamada pequena agricultura e da fruticultura que se dá ao luxo de especializações, vimos a importância que esse espaço agrícola tem para os grandes centros como a capital paulista e o Rio de Janeiro, analisamos as arrecadações que os cofres públicos auferem, à sua custa, e nada observamos que pudesse exprimir incapacidade de desenvolvimento. Teríamos nós caído justamente frente a um problema de exceção?

Pudemos dentro da área chegar à compreensão do porquê da propalada incapacidade de produção dos solos em regiões de morros cristalinos, quando estudamos a secção salesopolense do alto curso superior do Tietê. O que vimos aí não foi bem incapacidade para a produção, e sim a falta de meios para produzir, falta de educação e preparo para a vida agrária, carência de elementos técnicos e não improdutividade genética do solo que alguns generalizam para as regiões dos arredores suburbanos de São Paulo. Se a secção salesopolense ainda não mostrou o que vale, é porque aí, apenas agora, começou a chegar o elemento transformador com seu acervo técnico e sua capacidade de trabalho.

Assim, não nos furtamos de vaticinar um brilhante futuro para as terras amorreadas e cristalinas de Salesópolis, quando o braço ja-

ponês tiver tomado conta da área, como aconteceu com a zona agrícola mojiana. O início ali está no bairro do Alegre, geomêtricamente disposto, pintado com vários tons de verde. Depois, bastará que dêem estrada de ferro a Salesópolis, comunicando-a diretamente com São Paulo de um lado e com o vale do Paraíba de outro.



Fig. 1 — Aspecto topográfico dominante na região, representado pelos morros cristalinos de topos suaves, arredondados e por vezes alongados cujas cotas se situam em torno de 800 metros. (1958 — Foto do autor)

Tivemos oportunidade de ver êsses nossos colaboradores amarelos transformarem a paisagem, seus hábitos, e suas relações com o caipira produto da terra, e sentimos quão benéfico foi êsse contato. O caipira que viu o nipônico trabalhar ou trabalhou com êle, deixa de ser caipira pelo menos na parte que toca à indolência e ao “plantando dá”, para produzir e fazer-se cada vez mais exigente e consciente do seu papel na terra, elevando com isso seu padrão de vida.

No presente trabalho, procuraremos retratar o que de mais significativo existe nessa zona de contrastes, de topografia amorreada e de compleição cristalina, do reverso continental do Planalto Atlântico em sua secção paulista, que é a região do alto curso superior do Tietê.

I

ASPECTOS FÍSICOS DA REGIÃO DE MOJI DAS CRUZES

a) *Gênese das formas e o relêvo.*

O alto curso superior do rio Tietê acha-se situado numa pequena elevação do reverso continental do Planalto Atlântico paulista, englo-

bando as áreas municipais de Moji das Cruzes e de Salesópolis, sôbre as quais procuramos orientar a nossa análise.

Esta área, pela sua localização, foi outrora abrangida pelos eventos tectônicos que abalaram as terras criptozóicas do Planalto Atlântico, sofrendo arqueamentos e fraturamentos, os quais afetaram por

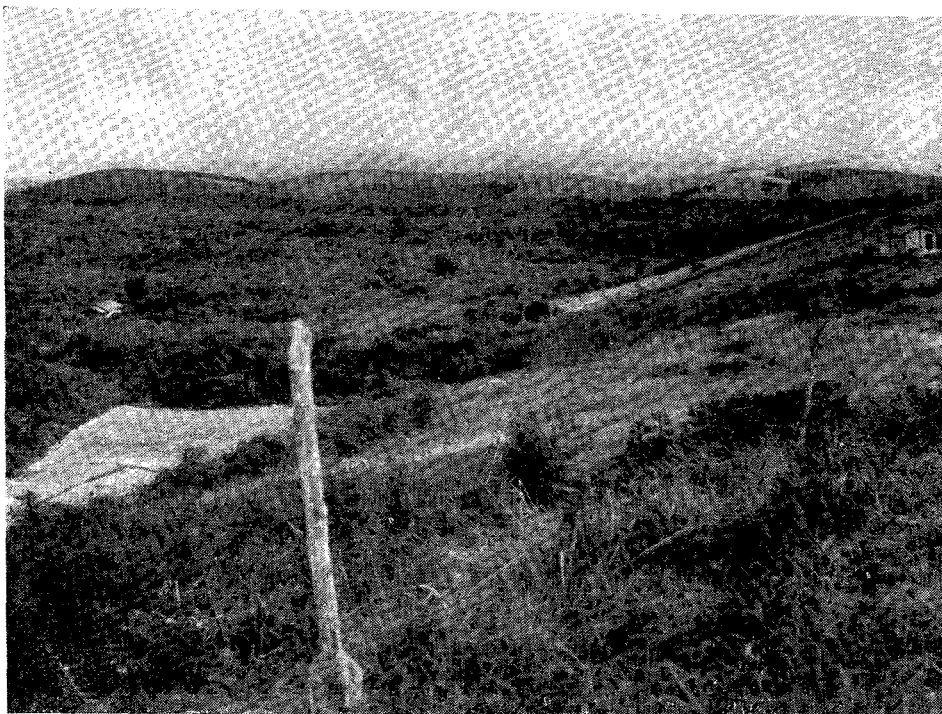


Fig. 2 — O aspecto topográfico se repete nesta foto onde nos é dado apreciar o muito que existe de itinerância na região do alto curso superior do Tietê com suas capoeiras em repouso. (1958 — Foto do autor)

sua vez a antiga drenagem aí existente, com a determinação de novos divisores d'água e a criação de desníveis imprevistos. Tais fatos vêm implicar em grande parte a morfologia atual das terras banhadas pela histórica via líquida.

Segundo se tem como certo, desde o Carbonífero até o Cretáceo (AB'SÁBER, 1956) foi essa secção do escudo brasileiro uma das regiões fornecedoras de sedimentos para as áreas deposicionais do interior (Bacia Gondwânica). O período desnudacional continuou de maneira tal, que nos fins do Mesozóico era bem adiantado o estado de maturidade do relêvo da região, a qual, só não tendia para uma completa peneplanização, em vista da continuada epigênese positiva, compensadora das perdas detríticas para as áreas de sedimentação. Parece também que a sedimentação da série Bauru é o marco a partir do qual, adveio para a região uma série de movimentos tectônicos.

Com efeito, o arco principal do Escudo Atlântico depois daquele período deposicional, foi fragmentado em sua estrutura, e o desnivelamento produzido pelo levantamento criou entre outros acidentes a

fossa tectônica do vale do Paraíba, além de promover o aparecimento de novos níveis de erosão em substituição aos até ali existentes, representados pelas superfícies das Cristas Médias e dos Altos Campos. A tectônica que assim proporcionou a formação de planaltos em blocos, fossas e escarpas de falhas, importou também numa transfiguração da drenagem, provocando novo arranjo determinado pelas novas condições do terreno. De fato, o maciço da Bocaina parece ter sido o principal divisor, zona de onde proviriam inclusive as águas do Tietê, que demandariam direção oeste-sudoeste, antes de se produzirem aqueles eventos tectônicos.



Fig. 3 — Por vezes a várzea alarga-se bastante sob os morros cristalinos dando amplo espaço para o plantio, como acontece neste caso, com a plantação de batatinha inglesa.

(1958 — Foto do autor)

Entretanto, o aprofundamento da fossa que se acentuara com o desaparecimento da barreira divisora para o Paraíba, da qual há vestígios na região de Queluz (LESTER KING, 1956) veio ocasionar uma série de capturas, como a do Tietê, que se dá na região do atual coto-vêlo de Guararema. De um e de outro lado da fossa, ficaram formadas a Mantiqueira e a Bocaina enquanto a serra de Quebra-Cangalha ficou separando o alto do médio curso do rio, no trecho paulista do seu vale. O Tietê por sua vez, à custa do soerguimento geral que se processara teve que reesculpir o terreno, aprofundando seu leito, fazendo baixar o nível de erosão para 740-760 metros, bem inferior ao nível das Cristas Médias estabelecido anteriormente. Essa reesculturação produziu as colinas que marcam vasta porção do município mojiano, e que encontram similares nas colinas da bacia paulistana.

Hoje, Tietê e Paraíba estão separados por pequeno divisor, sendo o trecho mais próximo entre um e outro o que vai em linha reta da cidade de Moji das Cruzes a Guararema. Essa proximidade poderia propiciar novas capturas por meio dos afluentes do Paraíba, o que não se verificou entretanto, embora haja um esboço do fato no entalhamento feito pelo rio Guararema em pleno divisor (WASHBURNE, 1930).



Fig. 4 — Emoldurada pelo tópo retilíneo e cristalino de um pequeno esporão, vê-se uma grande plantação de caqui, uma das frutas que ganhou fama nas mãos dos japoneses do município mojiano. Notar o manto vegetal envolvente da mata em regeneração.

(1958 — Foto do autor)

O terreno assim elaborado deixa entrever formas que se vão sucedendo na paisagem, à vista de quem saindo de São Paulo viaja em direção a Moji das Cruzes, quer pela E.F. Central do Brasil quer pela estrada de rodagem. Mesmo depois de se ter deixado para trás os subúrbios orientais de São Paulo, que antecedem Moji das Cruzes, continuam a se fazer presentes na paisagem as suaves colinas terciárias cuja cota se situa em torno dos 800 metros que margeiam (de um e de outro lado) o curso do Tietê. As várzeas ribeirinhas habitualmente de uma largura relativa na região de São Paulo, continuam a aparecer no sopé das

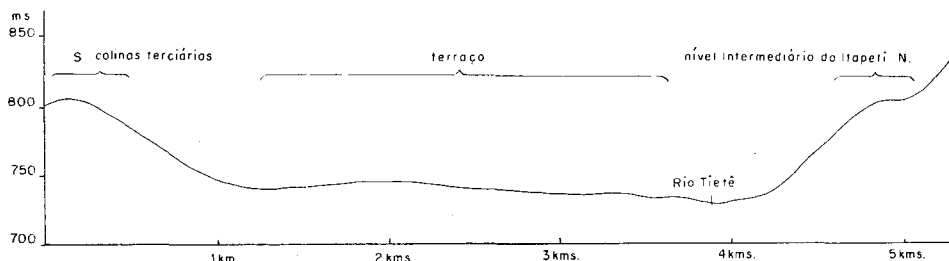


Fig. 5

colinas; o alargamento de tais várzeas é bem maior quando o rio recebe seus pequenos afluentes como são o caso do Peroba, Guaió, ribeirão do Una, Tajaçupeba. Canudo, Matadouro, Jundiáí. Fato significativo é que êsses alargamentos proporcionados pelas confluências acima, são os sítios próximos aos quais se localizam os pequenos aglomerados como Itaquaquecetuba, Poá, Susano, Calmon Viana, Jundiapéba.

Ultrapassada Itaquaquecetuba, até onde a serra da Cantareira servia de pano de fundo para as colinas, os esporões da serra baixam bastante de molde a proporcionar uma espécie de boqueirão entre esta última e a serra do Itapeti. A partir de Calmon Viana o conjunto colinas-várzeas passa a ser balizado pela serra do Itapeti, do lado norte da estrada, e pelo maciço do Suindara, ao sul, ambos representantes na área, da superfície das Cristas Médias (1 100 metros). Nessa altura tornam-se mais nítidos dois outros fenômenos morfológicos, que não deixam de estar ligados aos problemas da gênese já citados. Assim é que se observa no conjunto cristalino do Itapeti, e bem marcado na topografia, um outro nível, representado por ombros de erosão que se sucedem constantemente, de textura xistosa, cuja altitude corresponde à das colinas de 800 metros e cuja origem parece não ser outra que não a de um estágio do reentalhamento a que foi epigênicamente obrigada a drenagem nessa secção do Planalto Atlântico. O segundo fenômeno é quase uma repetição do que acontece na própria região de São Paulo, e é representado pelos terraços. Realmente, colocados sôbre o nível das



Fig. 6 — Eis um exemplo mais comum de propriedade mista na secção mojiana do alto curso superior do Tietê. Além de outras coisas, vê-se o repólho, o tomate, árvores frutíferas no fundo e à esquerda, e à direita o aglomerado formado pelos galinheiros, depósitos e residências. (1958 — Foto do autor)

várzeas aparecem baixos terraços, 5 metros aproximadamente, pertencentes à categoria das *fill terraces*, constituídos de terrenos pleistocênicos, firmes e consistentes devido aos leitos de seixos, e enxutos. Não raro esses terraços servem de sítio às aglomerações urbanas do percurso, como exemplifica bem o caso da cidade de Moji das Cruzes.

O sítio de Moji das Cruzes, sintetizando em si próprio todos aqueles elementos morfológicos descritos marca entretanto o início de uma modificação de paisagem que se faz sentir à medida que se aproxima de Salesópolis. Já em Moji das Cruzes a serra se aproxima bastante da própria aglomeração urbana, fazendo diminuir o espaço da várzea. Mas, à medida que se sobe o Tietê, esse espaço torna-se cada vez menor de molde a apertar-se, cada vez mais, o próprio leito do rio. As várzeas passam a rarear cada vez mais acabando por faltar mesmo em alguns pontos, ou sendo substituídas aqui e ali por alvéolos apertados entre os morros. Penetra-se, assim, em uma área essencialmente cristalina, onde o terciário das colinas desaparece da paisagem, dando origem àquele amorreado que movimentava a topografia com seus topos arredondados, às vezes quase planos, e de cuja modelagem o clima foi um dos fatores essenciais.

A essa modificação topográfica corresponde uma modificação nas próprias soluções com que o homem responde ao meio, propiciando portanto uma outra forma de humanização paisagística que tem seus reflexos essenciais no *habitat* e na economia desse trecho.

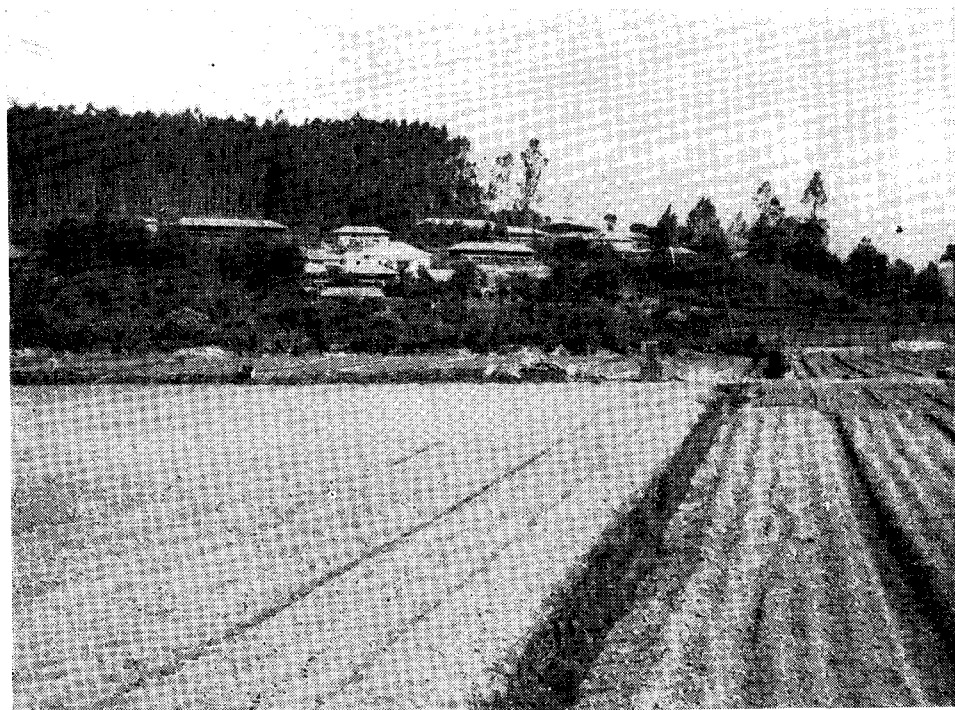


Fig. 7 — Um aspecto da famosa fazenda "Nagão". Ao fundo o eucapiptal para o aproveitamento da lenha, os aviários, tendo ao centro a moradia e no primeiro plano os retângulos de plantio limitados pelas canaletas de irrigação.

(1958 — Foto do autor)

b) *O solo e o clima.*

O pedólogo JOSÉ SETZER, um dos maiores conhecedores dos solos paulistas, distinguiu 22 tipos de solos relacionados com as áreas criptozóicas do estado; aí se fica sabendo que os terrenos tidos como arqueanos, e que são justamente os que se enquadram na nossa pequenina secção do planalto, dão solos relativamente férteis, embora haja uma séria tendência para rápido esgotamento, mercê de uma utilização desregrada e predatória bem nos moldes aliás das culturas caipiras. É

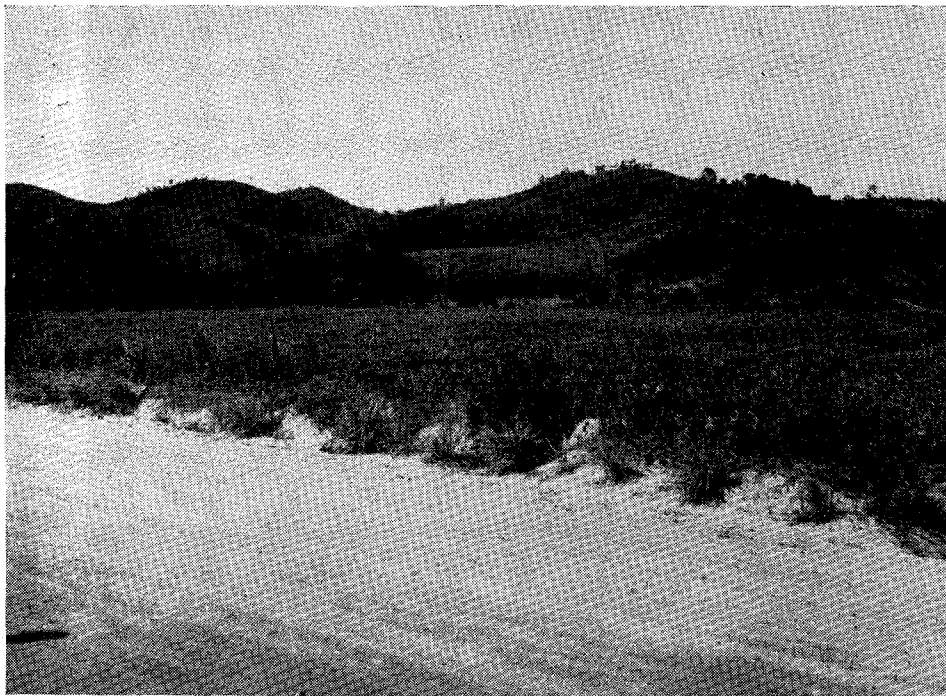


Fig. 8 — A fibra da tabua tem servido a modernos processos de industrialização na secção salesopolense do alto curso superior do Tietê. É usada para a confecção de palhões para garrafas e esteiras para acondicionamento da produção frutícola. (1958 — Foto do autor)

justamente o nosso caso, em diversos pontos da região onde o elemento dominante é o caipira, como por exemplo na maior parte do município de Salesópolis. Aí o grau de movimentação do relêvo, a que se soma a intensidade relativamente grande da erosão pluvial, propiciada pelas precipitações de um clima tropical com índice pluviométrico elevado, determinam um depauperamento rápido dos solos postos a descoberto, a despeito de sua relativa riqueza em elementos químicos. As várzeas, correspondentes às planícies de inundação do alto Tietê são portadoras do segundo tipo de solo dessa área, pois possuem superficialmente uma espessa cobertura de turfa, que encobre depósitos arenosos; sua fertilidade é muito relativa, dependendo da correção e técnica adotadas, o que os fazem mais produtivos nas mãos dos japoneses.

A região pauta-se por um clima cuja média térmica anual orça pelos 22º,5 com um índice pluviométrico em média acima dos 1 300 mm

e cujo inverno não é dos mais secos. Tal clima propiciou uma cobertura florestal para a área, do tipo da Mata Atlântica, mas que hoje se acha completamente degradada. O que se vê, além da vegetação rasteira das várzeas brejosas não são mais do que capoeirões que recobrem colinas e morros arredondados, nos espaços não cultivados ou transformados em pastos.

Cobre a área tôda uma área hidrográfica formada pelos inúmeros pequenos afluentes e subafluentes do alto curso superior do Tietê, que facilita a obtenção e a distribuição da água para os afazeres da lavoura. Cabe aqui notar, à guisa de informação morfológica da rêde, que os ramos menores da drenagem são dendríticos, enquanto os rios de tamanho médio possuem padrão ora paralelo, ora retangular, denotando adaptação geral às direções das estruturas antigas da região (NE-SW); a dendrificação generalizada depende dos processos morfo-climáticos, que atuaram na área.

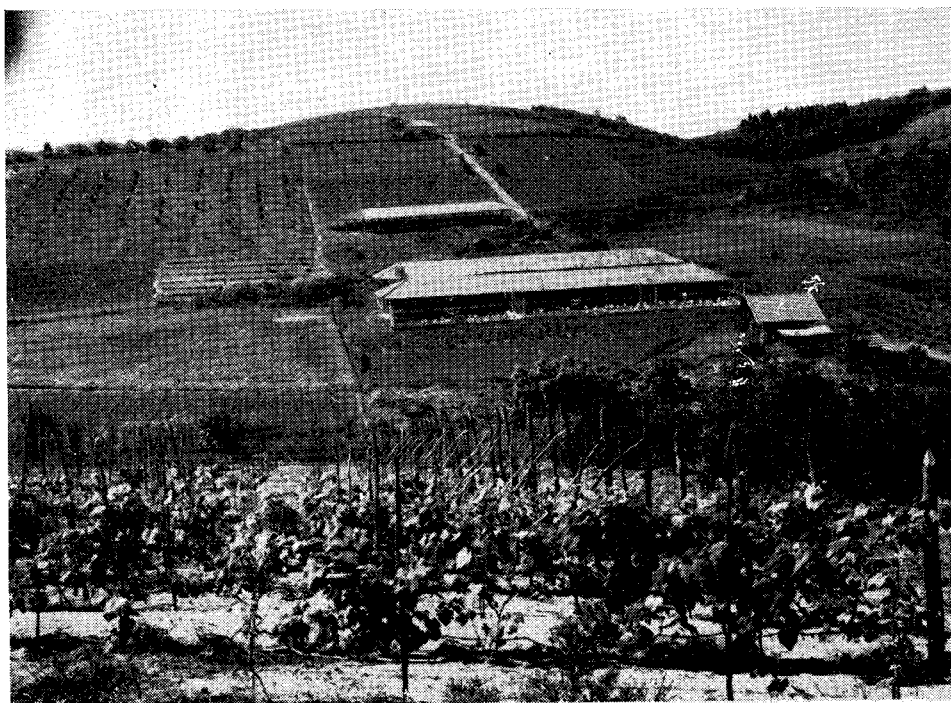


Fig. 9 — Meia encosta e várzea são aproveitadas nesta belíssima propriedade mista no município de Moji das Cruzes. No primeiro plano o parreiral, ao centro os galinheiros, e ao fundo limões, caquis e ameixas do Japão.

(1958 — Foto do autor)

II

O POVOAMENTO E A POPULAÇÃO

O povoamento dessa extremidade oriental do estado de São Paulo parece ter-se iniciado com a fundação da vila de Santana das Cruzes do Moji em 1611. Duas correntes disputam a verdade em tórno da origem do povoado. Uma, mais antiga, busca o nascedouro na doação

que BRÁS CUBAS recebera em 1560 de uma sesmaria que começava “em baixo da Serra e vinha até M’boyji” segundo a velha crônica. Outra, mais moderna, nascida neste decênio e encabeçada por intelectuais da terra, defende a tese de que a fundação da vila coubera a GASPARE VAS GUEDES, por volta do último decênio do século XVI, “o qual viria depois tomar parte na bandeira que MANUEL PRÊTO e RAPÔSO TAVARES dirigiam contra o Guaíra”. De qualquer forma parece mesmo que a cidade nasceu sob a égide do “gibão d’armas”, havendo até hoje vestígios da atividade preadora e a busca do ouro, com uma toponímia evocadora como Lavras do Baruel, Ourofino, Oropó. Não faltaram nessa empreitada as ordens religiosas como a dos carmelitas que logo instalou na vila de Moji das Cruzes um convento do Carmo.

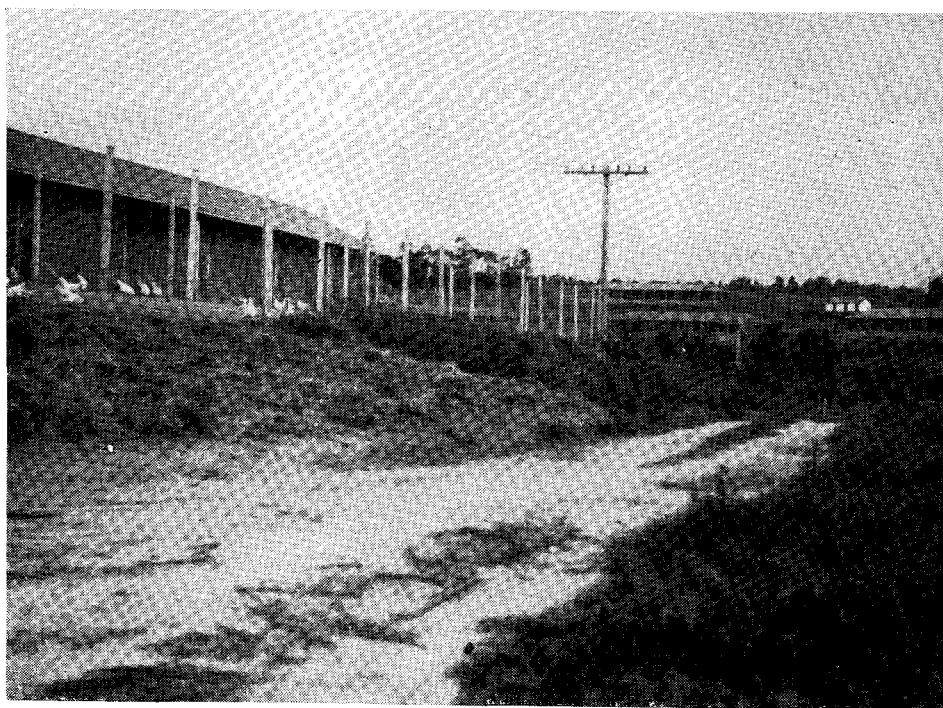


Fig. 10 — Magnífico conjunto de galinheiros muito bem aparelhados de uma propriedade avícola da região.

(1958 — Foto do autor)

O certo é que foi Moji das Cruzes o segundo aglomerado a ser plantado sobre o planalto em terras paulistas, logo depois de São Paulo. Os outros, como São Vicente, em 1532, Santos de 1545, Itanhaém, de 1561, ficavam todos na orla atlântica. Foi esse portanto um dos focos de onde se irradiou o primitivo povoamento, através das bandeiras em direção ao vale do Paraíba, Minas, Goiás, Mato Grosso. A pequena vila de Moji foi-se mantendo dentro de uma relativa importância enquanto durou a febre da busca aurífera em seus arredores ou enquanto pôde funcionar como escala e retaguarda de subsistência para as bandeiras que se embrenhavam cada vez mais para o interior; em 1776 o pequeno núcleo não chegava a 800 habitantes. Entretanto, estabelecido que foi defini-

tivamente o núcleo aurífero de Minas Gerais, o aglomerado perdeu quase completamente a razão pela qual fôra criado e arrastou sua existência modorrentamente até o século seguinte. Se com Moji das Cruzes foi assim, o que não dizer de pequeninos pousos e núcleos circunjacentes — hoje enquadrados ou vizinhos aos municípios de Salesópolis, Moji, Guararema, Santa Isabel — que não tiveram a felicidade de ser palco da atividade bandeirante.

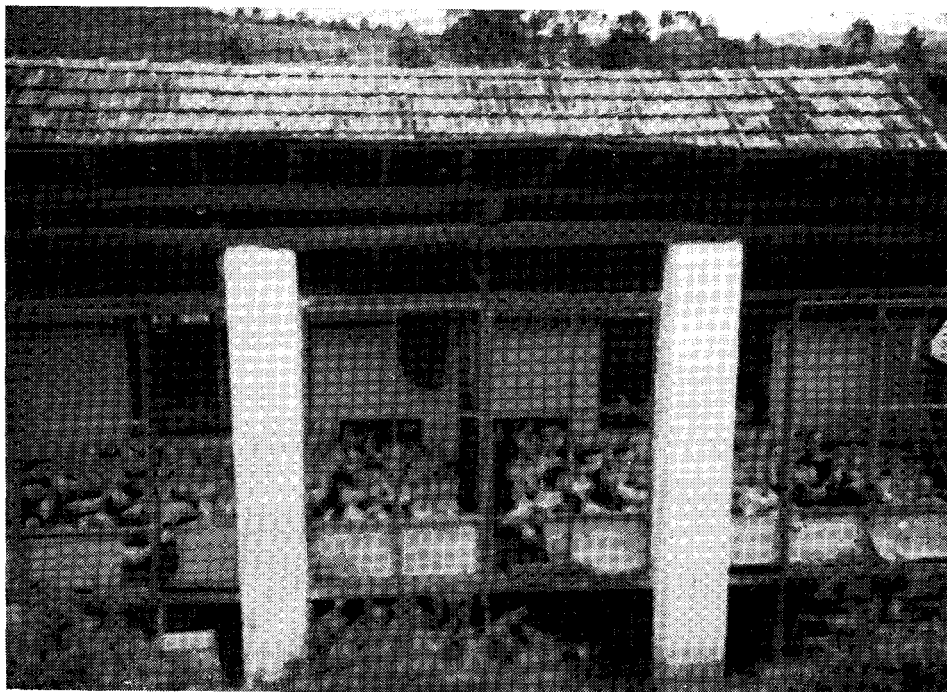


Fig. 11 — A construção esmerada dos galinheiros é fator de êxito nessa atividade em que os japoneses se vêm destacando.

(1958 — Foto do autor)

No início do oitocentismo, um grupo de homens, subindo o Tietê, fundou um pequeno povoado, a montante de Moji das Cruzes e a quase 100 quilômetros de São Paulo. Entre êsses homens havia dois alferes JOSÉ LINS DE CARVALHO e GONÇALVES DE SOUSA MELO, além de ALEIXO MIRANDA que percebendo as dificuldades para obtenção d'água onde se erguia o seu povoado de Nossa Senhora da Ajuda, resolveu mudar sua casa para uma colina a 6 quilômetros a leste do primitivo local, e às margens do rio Paraitinga, tributário do Tietê próximo às suas nascentes. O aglomerado foi elevado à categoria de freguesia com o nome de Capela de São José do Paraitinga em 1838, entrando assim para a municipalidade de Moji das Cruzes. Dezenove anos depois a "capela" passou a cidade e município, o que poderia sugerir uma revivescência na área, ao mesmo tempo que um estímulo demográfico. Isso entretanto não ocorreu, pois o grupo fundador tratou apenas de deslocar-se da própria Moji, para tentar estabelecer contato mais direto com o vale do Paraíba onde o café começava a tomar foros de verdadeira riqueza.



Fig. 12 — Suspensos sobre pilares para evitar umidade e facilitar a coleta do estrume, êsses galinheiros abrigam saudáveis e produtivas leghorns, que se apertam em exíguo espaço. A exigüidade do espaço entretanto é proposital no recinto de criação, para que as aves não despendam energia com movimentação inútil guardando-a para a postura (1958 — Foto do autor)



Fig. 13 — O chá preto é uma das muitas culturas adotadas pelos japoneses da secção mojana do alto curso superior do Tietê. Seu trato, cultivo e industrialização traduzem um requinte técnico transplantado do Oriente para o Brasil. (1958 — Foto do autor)

As terras em geral pouco férteis tanto no município mojiano, quanto no de Salesópolis, nunca possibilitaram àquela altura, um desenvolvimento franco e seguro. O algodão de Moji das Cruzes e o fumo de Salesópolis eram os únicos produtos exportáveis e assim mesmo em escala muito reduzida, enquanto nas aglomerações urbanas a maioria dos habitantes pobres, dedicava-se a uma rudimentar indústria doméstica de cestas, esteiras e cigarros.

Em 1870, quando ainda era razoável a produção de café do vale do Paraíba, a área do alto curso superior do Tietê não se destacava nessa atividade; produzia algodão, cana, café, fumo, além de alguns cereais mas sempre em escala para a própria subsistência. As áreas mais próximas do vale do Paraíba como as de Santa Isabel, Salesópolis, Guararema procuraram beneficiar-se da riqueza do referido vale, recebendo inclusive contingentes humanos de vários recantos do município de Moji das Cruzes, formando-se assim aglomerados que se tornaram sedes dos atuais municípios, dando-se dêsse modo uma cissiparidade com relação à antiga sede, antes dos fins do século passado. Mas a falta de estradas para a comunicação da fossa paraibana com aqueles municípios fêz com que a tentativa redundasse em malôgro, produzindo uma estagnação com uma economia local voltada quase tôda sôbre si mesma, e daí a tendência para uma decadência.

Nem a passagem da “Estrada de Ferro do Norte” por Moji das Cruzes conseguiu fazer reviver de imediato a velha sede municipal.



Fig. 14 — Eis um aspecto da casa onde se industrializa o chá; pertence à firma “Mate Luzia”. Não obstante o nome, a cultura é de chá preto.

(1958 — Foto do autor)

Ao aproximar-se o fim do século XIX, quando entra em decadência a cultura cafeeira no médio Paraíba, o fato reflete-se, também, sobre os municípios do alto superior Tietê, acentuados os aspectos negativos de sua economia e conseqüentemente afugentando contingentes humanos. Na área de Santa Isabel, ainda há vestígios da passagem do ouro verde marcados na paisagem e *habitat*; em Salesópolis a ruína foi total, nesse setor, embora a presença apoucada da rubiácea nos melhores tempos; os vestígios foram também apagados da área municipal de Guararema onde também se tentou o plantio da rubiácea. Dessa forma a balança demográfica não funcionou de maneira positiva nem para o município mojiano, nem para as áreas desmembradas.



Fig. 15 — O magnífico e original portal da casa de chá, em estilo oriental, construído de troncos, dá um toque diferente à paisagem rural mojiana.
(1958 — Foto do autor)

A passagem do café para a Depressão com o conseqüente incentivo à imigração, não trouxe benefício demográfico para a área em questão. Foi nesse período que tivemos um grande incremento à devastação florestal no município mojiano, feito que se repetiu bem mais tarde, em 1940, para a área municipal de Salesópolis.

Visava-se ao aproveitamento da madeira de lei existente na área como também uma indústria de carvão vegetal. Assim, o povoamento e o aproveitamento econômico, nos fins do século passado e início deste, para a partt situada na faixa do alto curso su-

perior do Tietê atingia um dos seus mais baixos andices.

Com a rubiácea na Depressão passa-se a uma nova facêta da história do povoamento na área do alto curso superior do Tietê. O café fez com que fôsse estabelecido o eixo Santos-São Paulo para o escoamento do produto proveniente do interior do estado. O fato promoveu o crescimento de São Paulo, de forma rápida e extraordinária embora tímido a princípio. O alargamento do âmbito de influência da cidade de São Paulo, trouxe cada vez mais a captura econômica de áreas suburbanas, que no lado oriental acabou por transformar Itaquaquecetuba, Susano, Poá, de áreas submetidas à municipalidade mojiana em áreas municipais autônomas. A transformação dessas áreas em municípios deveu-se é claro à sua proximidade com a capital do estado, beneficiando-se amplamente com o seu notável crescimento, através das trocas que puderem estabelecer, inclusive recebendo capitais e pessoal técnico em indústrias, que pela localização e valor relativamente baixo dos terrenos tiveram interesse em situar-se próximo a São Paulo.

Aconteceu porém que Moji das Cruzes também se beneficiou com o crescimento da metrópole e iniciou por sua vez um impressionante

rush de reerguimento, que se traduziu não só economicamente mas também demograficamente. O aumento da população começou a evidenciar-se nas primeiras duas décadas deste século quando já temos cifras em torno dos 30 000 habitantes para o município, mas torna-se mais nítido à custa de dois fatores essenciais: o início da imigração japonesa para o município mojiano, entre 1930-1935, e o ritmo crescente da industrialização por influência de São Paulo. Realmente, esses são os dois fatores de êxito e da importância com que essa seção da faixa do alto curso superior do Tietê conta hoje. Alguns números podem expressar melhor esse crescimento: em 1935, o município contava com 22 000 habitantes; em 1940, 48 322; em 1950, 61 533, sendo que a estimativa para 1960 orça pelos 90 000 habitantes aproximadamente. Dessa forma, animado por essas duas forças que atuaram uma com um âmbito mais adstrito à cidade e outra tendo como palco a zona rural, o município mojiano, passou a ser a grande mola econômica dessa seção do alto Tietê.



Fig. 16 — Biritiba-Mirim é um dos vários pequeninos aglomerados que surgem em meio à zona rural da região. Calçadas parcialmente cimentadas, a ausência de pavimentação nas ruas são traços comuns a quase todos esses núcleos que administrativamente recebem o encargo de distritos. (1958 — Foto do autor)

Enquanto isso se dava, a outra seção do alto curso do velho Anhembi pertencente a Salesópolis, não conseguia encontrar a trilha do progresso econômico, que lhe permitisse uma evolução demográfica positiva. Quase isolado pela falta e pela deficiência de boas rodovias que o ligassem diretamente a áreas de maior importância, que permitiriam uma vantagem nas relações de trocas várias, não sendo servido

também por estrada de ferro, apresenta-se num estado de estagnação, malgrado as tentativas de industrialização que se fazem e o deslocamento recente de algumas famílias japonesas para sua área rural, tentando repetir o êxito conseguido em Moji das Cruzes. Esses esforços contudo não produziram efeitos ainda capazes de fazer prever uma elevação substancial da última estimativa, pela qual o município contava com menos de 10 000 habitantes (9 269) em 1954. Podemos atribuir essas dificuldades de desenvolvimento à ausência antes de tudo de estrada de ferro; embora no início Moji das Cruzes não aproveitasse essa vantagem, soube aproveitá-la depois em momento preciso, o que infelizmente não pôde ocorrer com Salesópolis.

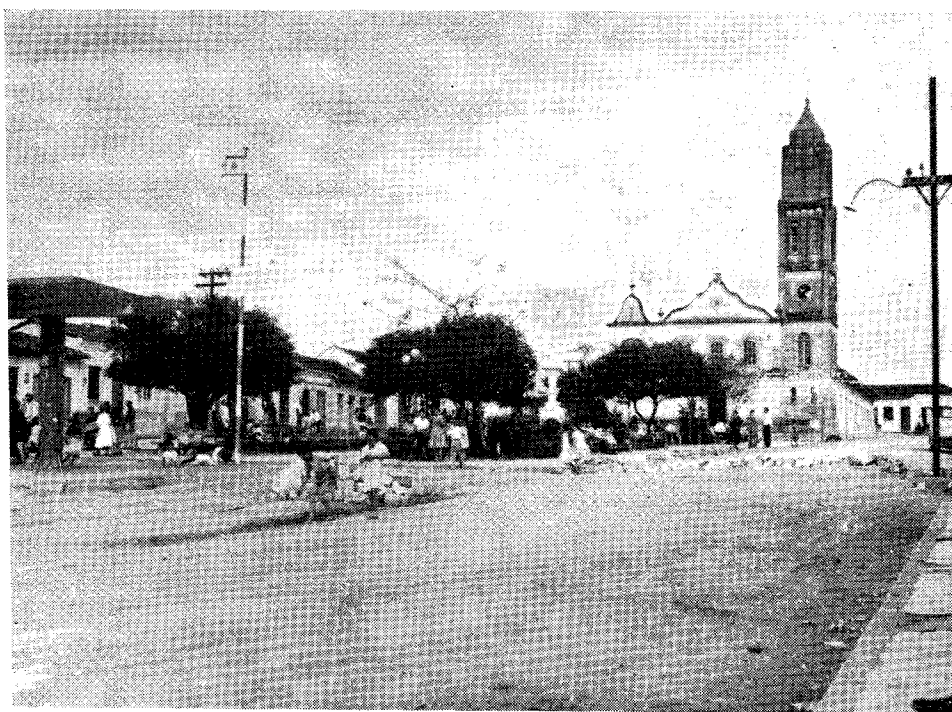


Fig. 17 — Outro aspecto da praça central o mais importante logradouro de Biritiba onde se instalam casas comerciais e os principais elementos da função administrativa.
(1958 — Foto do autor)

Como se deixou entrever a população da área do alto curso superior do Tietê, reparte-se de maneira bastante desigual, visto que bem mais populosa é a área que se avizinha mais da capital paulista, enquanto a área mais próxima às nascentes do rio é bem mais rarefeita demograficamente. Entretanto, o desequilíbrio não pára aí, já que vamos ter diferenças dentro dos próprios municípios em pauta. Assim é que enquanto para Moji das Cruzes quase 60% compõem a população urbana, temos 86% de população rural para o município de Salesópolis. O fato reflete-se de forma marcante no *habitat* de uma e de outra área.

A população em sua composição é constituída por maioria esmagadora de brasileiros natos, da ordem de 91% aproximadamente

e dêstes, a maioria se declara de religião católica. Quanto a estrangeiros, na época de maior vulto da imigração para o estado, a área contava tão somente com 48 imigrantes em sua maioria sírio-libaneses. Mais tarde, a imigração japonesa forneceu o seu contingente. Assim, existem cêrca de 8 000 a 9 000 japoneses na área, que em grande parte se concentram na área rural e se dizem conversos ao catolicismo. Esse fato é por nós encarado com reservas já que sua religião baseada no culto dos antepassados não proíbe que eles tenham outros cultos.

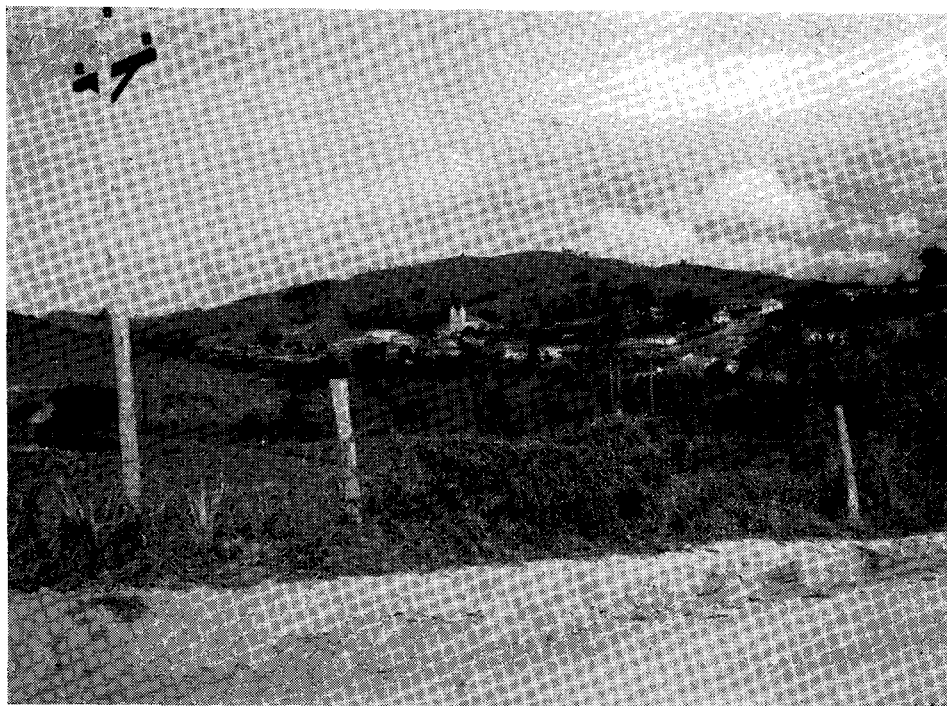


Fig. 18 — Salesópolis, cidade anichada entre morros cristalinos cujos topos vão a 900 e 1 000 metros. A cidade atinge os 900 metros, seu nível mais alto está a 875 metros.

(1958 — Foto do autor)

Um fato deve ser destacado quanto aos japoneses, quando se fala em uma ordem de caráter grupal. É que praticamente não existe uma separação nítida no sentido social e econômico entre japoneses natos e filhos de japoneses nascidos naquela área. Estes últimos, integram-se na colônia nipônica, com seus hábitos tradicionais no ambiente familiar perpetuando, assim, a sua maneira de ser no ambiente social. Economicamente o fato se repete, pois, eles continuam a tradicional atividade agrícola de seus pais com o mesmo esmero e capricho de molde a parecerem em tudo aos japoneses natos. Isso faz com que aquele número de 8 000 perca em parte a sua significação desde que ele pode ser multiplicado por dois ou até 3, quando passamos então a falar em colônia, com muito maior significação social, econômica e demográfica dentro da área.

III

A VIDA AGRÁRIA E O "HABITAT" RURAL

Aspectos do "habitat": a propriedade e a casa.

É flagrante a mudança que se observa entre a área dos subúrbios orientais de São Paulo e o seu satélite mais próximo, Moji das Cruzes, no tocante à ocupação do solo. Nos subúrbios semi-industrializados pelo avanço dessa atividade que extravasa dos bairros periféricos da capital, aparecem vazios demográficos e de ocupação, loteamentos semi-abandonados, tufo de eucaliptos para aproveitamento da madeira, várzeas e terraços incultos tomados por vegetação característica baixa e rala. Acima de tudo nota-se um ramo do cinturão de abastecimento para êsse lado oriental da capital, em direção à área municipal de Moji das Cruzes. A E.F.C.B. ou a estrada de rodagem de importância enorme no caso, aglomera livremente os índices desses aspectos. A cultura caipira com o característico traço de itinerância aparece mais do que o canteiro geométrico da jardinagem nipônica; até mesmo algumas cabeças de gado pastam em alargamentos de várzea não longe dos trilhos. O *habitat* assim de um caráter complexo para os subúrbios orientais, traduzindo múltiplas atividades em área de desenvolvimento recente, aparece mais sistematizado e uniforme quando se penetra na área municipal mojiana que marca o limite ocidental do espaço percorrido pelo alto curso superior do Tietê.

As largas várzeas e as encostas mesmo das colinas e morros, são imediatamente reconhecidos como os sítios preferenciais do *habitat*, por quem penetra na área rural mojiana. Realmente quase todo o espaço disponível entre as ladeiras mais abruptas de um lado e doutro da várzea, que são locais de exploração predatória sistemática para obtenção de carvão vegetal ou reservas de mata secundária em suas partes mais elevadas. O plano mais baixo atrai pela possibilidade de um solo melhor para a jardinagem, como o que existe na várzea com sua cobertura turfosa além da planitude do terreno. Ainda aí são encontrados pequenos terraços, ou contra encostas suaves que facilitam o trabalho, além de ser local de pequeninos cones de dejectos onde a enxurrada acumula elementos úteis para a manutenção das boas propriedades do solo. Entretanto, a atração não é só exercida por êsses elementos do ambiente físico, eis que a via férrea e a estrada de rodagem com suas ramificações possibilitam um escoamento fácil das riquezas produzidas. Dessa congregação de fatores é que resulta a escolha e o aproveitamento para as culturas e o *habitat* dentro da parte mojiana do alto curso superior do Tietê. A drenagem constituída pela rede dos afluentes e subafluentes da conhecida via líquida, distribui tão equitativamente os seus ramos pela área que não existe o problema da água e esta não se torna fator determinante na localização do *habitat*.

Caminhando em direção a Salesópolis, tem-se a oportunidade de observar certas modificações na localização do *habitat*. Realmente, à medida que se sobe o Tietê, o relêvo se torna mais movimentado, o vale estreita-se fazendo raras as várzeas que se transmutam em alvéolos entre morros, de dimensões bem menores quando comparadas com as da área mojiana. As culturas tornam-se de meia encosta, em ladeiras bem mais íngremes do que as do município vizinho a oeste; as moradias embora também na encosta, procuram juntamente com os demais elementos do *habitat*, encostas mais suaves próximas a êle. Assim o vale, tanto para o Tietê quanto para o Paraitinga e seus pequeninos afluentes, tem relevante papel na localização do *habitat*.

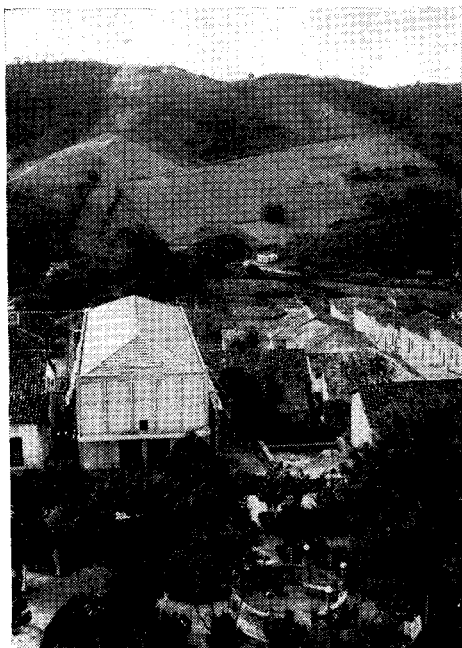


Fig. 19 — Praça Siqueira Campos, nível médio da cidade a aproximadamente 850-855 metros que encontra correspondência altimétrica nos ombros de erosão que se vêem ao fundo.
(1958 — Foto do autor)

Apesar das diferenças apontadas, o *habitat* pode ser considerado disperso tanto para a secção mojiana quanto para a salesopolense, embora com diferenças dentro da própria dispersão. Para o município mojiano, torna-se quase regra geral o aproveitamento mais intenso da várzea e das encostas suaves, além de baixos terraços; a agricultura aí via de regra também, é intensiva, do tipo jardinagem, e no mais das vezes praticada pelos japoneses; como se pode depreender pelo tipo mais generalizado de cultivo domina a pequena propriedade. Isso não quer dizer que não existam propriedades bem maiores do que o tipo dominante, entre as quais, granjas leiteiras que requerem um espaço maior e um

conjunto grande também de instalações, como currais, depósitos de leite, moradia, casa de administração etc. Entretanto, todos os que podem, querem um pedaço de *várzea*, e as instalações que aí se fazem longe estão de ser modelos de simplicidade: há, não raro, junto à cultura de hortaliças e verduras, a criação muito difundida de galinhas que requer uma série de construções especiais que se juntam às existentes para a atividade hortícola. Disso resulta um *habitat* de razoável densidade, proporcionando uma vizinhança bastante próxima de uma propriedade com outra. Por outro lado temos a considerar que, não raro, a várzea bastante larga estreita-se quase repentinamente pela aproximação dos esporões ou pequenos morros, o que vem quebrar a continuidade daquele arranjo de culturas e habitações.

Por essas razões tôdas é que preferimos classificar o *habitat* da secção mojiana do alto curso superior do Tietê, como um *habitat* disperso sim, mas em nebulosa, pelo fato de existir uma tendência grande para a formação de pontos adensados, quando a várzea se apresenta bem larga, e ao contrário, uma rarefação maior quando se estreita, obrigando a uma subida para os pequenos patamares de morros ou encostas suaves que prolongam o curso fluvial.

A secção salesopolense difere da anterior quanto ao tipo de dispersão do *habitat*. Uma série de razões contribui para que isso aconteça: o relêvo é mais movimentado representado pelos morros cristalinos; as várzeas exíguas ou inexistentes deixam lugar a alvéolos limitados por morros arredondados; embora a pequena propriedade domine, seu tamanho é maior do que o similar da área mojiana; finalmente, com respeito ao tipo de ocupação do solo, também há mudança, pois não temos aí a



Fig. 20 — Vista parcial de Salesópolis onde se nota o casario sempre nas ladeiras mais suaves, não se atrevendo pelas encostas mais íngremes dos morros cristalinos.

(1958 — Foto do autor)

jardinagem como na secção mojiana, mas o tipo de exploração cabocla, com índice razoável de itinerância como aspecto predominante. De tudo isso resulta em dispersão mais acentuada do *habitat*, mas de certa maneira orientada por um fator de ordem física: a topografia. Realmente, a movimentação topográfica maior aí e a exiguidade das várzeas faz com que o *habitat* procure o vale diretamente, visto ser este o eixo principal de passagem. O fato é agravado em razão da inexistência de estrada de ferro servindo a área, o que faz com que as instalações das propriedades rurais procurem estar o mais próximo possível da

única via de acesso, que no vale é a estrada de rodagem. O que existe portanto é uma dispersão que se orienta linearmente acompanhando o vale principal ou os poucos e pequenos vales secundários passíveis de serem perlongados por estreitos caminhos apenas carroçáveis.

Uma terceira forma de *habitat* rural entretanto, aparece à vista de quem faz um caminhamento entre Moji das Cruzes e Salesópolis tendo o cuidado de sair algumas vezes da estrada principal. Essa terceira forma traduz-se pela cristalização do *habitat* em alguns pontos permitindo o aparecimento de aglomerados pequeninos que reconhecemos serem de tipos diferentes. Podemos citar como exemplo, Cocuera, aglomerado linearmente disposto à margem da rodovia que leva a Salesópolis, ocupando o lado esquerdo da estrada e constituído por quatro edificações: um prédio maior de alvenaria e telhas francesas com quatro portas em que funciona um armazém dêsses que têm de tudo, pertencente a um sírio-libanês; pegado a êsse um prédio menor, de aspecto maltratado, parecendo mais velho, onde funciona um bar, que a exemplo do primeiro possui moradia nos fundos; o terceiro, é um depósito de caixas para acondicionamento de verduras e ovos, alugado à Cooperativa Mista de Moji das Cruzes; o último é um pôsto de gasolina com uma pequena oficina para reparos ligeiros que tem também nos fundos a moradia. A isto, parece-nos certo empregar o designativo de “comércio”, pois aí fazem suas compras de maior urgência os inumeráveis japoneses plantadores da redondeza até terem oportunidade de ir a Moji das Cruzes, fazer seus estoques a grosso; é aí também que batem papo e bebem cachaça os “camaradas” empregados nas terras próximas, hábito tão do gôsto do nosso caboclo; é aí, ainda, que enchem seus tanques os caminhões da Cooperativa Mista, ou fazem pequenos reparos de mecânica, antes ou depois de terem coletado o produto das terras dos associados de Cocuera. De funções diferentes é outro tipo de aglomerado que aparece na área, principalmente na secção mojiana. Êste exemplo situa-se numa das muitas estradazinhas secundárias, que não raro são abertas pelos proprietários das terras próximas, a fim de fazer chegar ao caminho principal o produto de sua lavoura. Ê conhecido pelo nome de Capela do Ribeirão e é constituído por nove casas e uma pequena capela, dispostas linearmente de um só lado da estrada. As casas, na maioria de alvenaria e com cobertura de telhas, servem de morada a camaradas que trabalham em terras próximas; não há nenhuma casa comercial aí. Êste tipo de aglomerado parece enquadrar-se na categoria dos bairros rurais.

Habitação e propriedade rural: Há uma repartição desigual nas dimensões das propriedades entre os municípios de Salesópolis e Moji das Cruzes. Em Salesópolis, as causas da subdivisão das propriedades diferem das de Moji das Cruzes em razão de um ritmo e de uma histó-

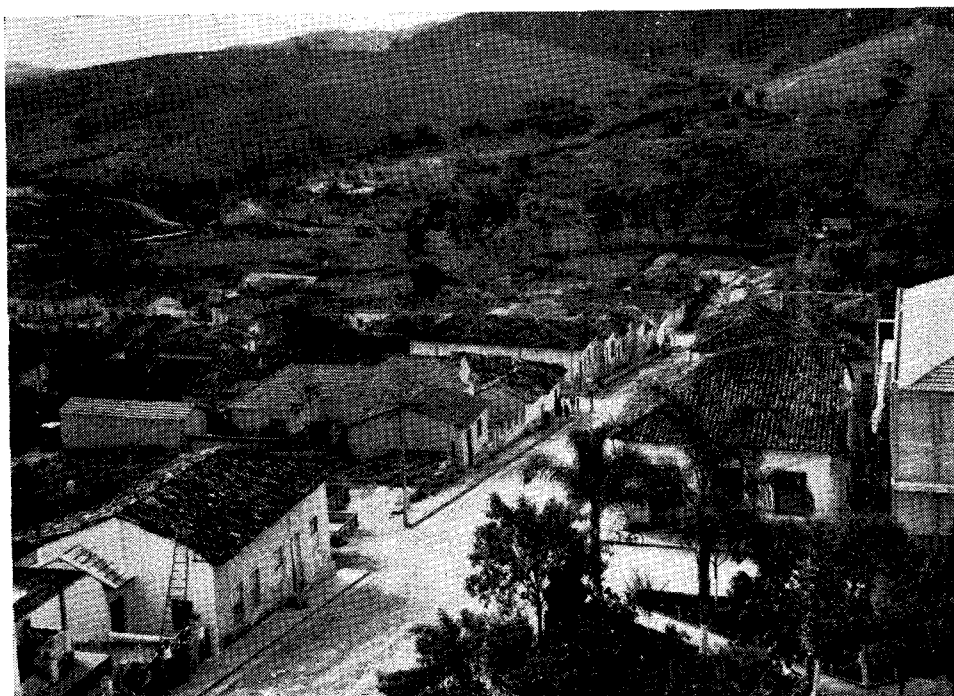


Fig. 21 — Embora exista uma ou outra construção nova, o aspecto geral do casario é de velhice; notar o estilo das casas, muitas das quais são ainda de taipa e seus telhados na maioria escurecidos pelo tempo. A ladeira que se vê é a Rua 15 de Novembro, uma das principais de Salesópolis.

(1958 — Foto do autor)



Fig. 22 — De um ponto elevado pode-se notar bem junto à cidade, nas encostas íngremes, alguns campos de cultura, capoeiras em reconstituição e pastos para algum gado de abate para consumo local.

(1958 — Foto do autor)

ria agrária diferentes, embora houvesse pontos em comum até os meados do século passado. Assim, via de regra as propriedades do município salesopolense são maiores do que as da área mojiana mas também menos produtivas.

As propriedades menores orçam por volta dos 25 alqueires e não são tão numerosas, dominando ao contrário um tipo entre 50 e 80 alqueires como dimensões mais comuns. São propriedades que sofrem geralmente uma exploração do tipo caboclo, não racionalizada, com base em grandes queimadas, itinerância e períodos de repouso para reconstituição da vegetação em certas parcelas. Embora haja algumas propriedades bem organizadas com produtividade aceitável, com uma racionalização de métodos que inclui até mesmo adubagem apropriada e mecanização, a prática dominante é a itinerância predatória comum no meio caboclo. As casas que se vêem nessa paisagem são as típicas casas barreadas dêsses nossos mestiços; mesmo as sedes das propriedades, embora construídas em alvenaria, apresentam tais sinais de decrepitude, que ao vê-las torna-se difícil pensar em prosperidade.

Já na área mojiana, o aspecto da propriedade e da casa em si é inteiramente outro; aí caboclo e japonês construíram uma paisagem que transpira prosperidade. A terra acha-se bastante fracionada, pois, a maior parte da área pratica agricultura intensiva do tipo jardinagem, embora não deixe de existir exemplos da atividade itinerante, e propriedades onde se pratica exclusivamente a pecuária, o que ocupa fatalmente maiores espaços. Segundo pudemos apurar o espaço agrário na secção mojiana do alto curso superior do Tietê acha-se assim dividido:

6 260	propriedades até	10 alqueires
425	propriedades até	20 alqueires
231	propriedades até	50 alqueires
58	propriedades até	110 alqueires
26	propriedades até	250 alqueires
8	propriedades até	500 alqueires
5	propriedades com	mais de 500 alqueires.

Como se observa, num total de 7 013, 6 260 são propriedades de até 10 alqueires, o que traduz perfeitamente não só o fracionamento das terras como também a importância da cultura de jardinagem praticada principalmente por japoneses.

Aparecem aí pelo menos quatro tipos de especialização agrária das propriedades: a propriedade de criação leiteira; a propriedade mista que, além da horticultura ou fruticultura, conta também com atividades avícolas importantes; a propriedade exclusivamente avícola; finalmente a propriedade exclusivamente hortícola. O mais comum é encontrarem-se propriedades mistas, o que não exclui um grande número especializado em qualquer um dos outros casos. Nota-se que a propriedade

quando pequena — 5 alqueires mais ou menos — principalmente dentro do município mojiano, quase sempre traduz o início das atividades de uma família quer no caso caipira, quer no caso japonês, com exclusividade ou para o ramo hortícola ou para o avícola; nesse estágio, a propriedade nunca é mista.

Não só o regime de propriedade mas também as moradas e as dependências várias dessas propriedades formam um conjunto complexo que estamos longe de ver na secção salesopolense do alto curso superior do Tietê. O próprio aspecto das construções é diferente na área mojiana, embora aí não falem casas caboclas, barreadas, ocupadas por empregados em diversos misteres nas várias categorias de propriedades rurais que vimos de apontar. A granja leiteira, cujos proprietários geralmente não são japoneses, têm instalações grandiosas, ocupando algumas centenas de metros quadrados de construções do tipo que às vezes, surpreende pelo modernismo e atualidade das linhas; além da casa de administração, há a moradia, os estábulos, a casa de ordenha e enlatamento do leite, cuja ordenha muitas vezes é feita por processos mecânicos bem modernos. Próximo aos estábulos há, geralmente, uma casa de assistência ao gado, com um pequeno cercado onde é deixado o espécime doente. Um pouco afastadas desses conjuntos aparecem três ou quatro construções destinadas a abrigar os camaradas que lidam com o gado. Não é raro encontrar em propriedades desse tipo uma olaria própria com produção de tijolos e telhas que às vezes ultrapassa as necessidades da empresa e passam então a ser vendidos.

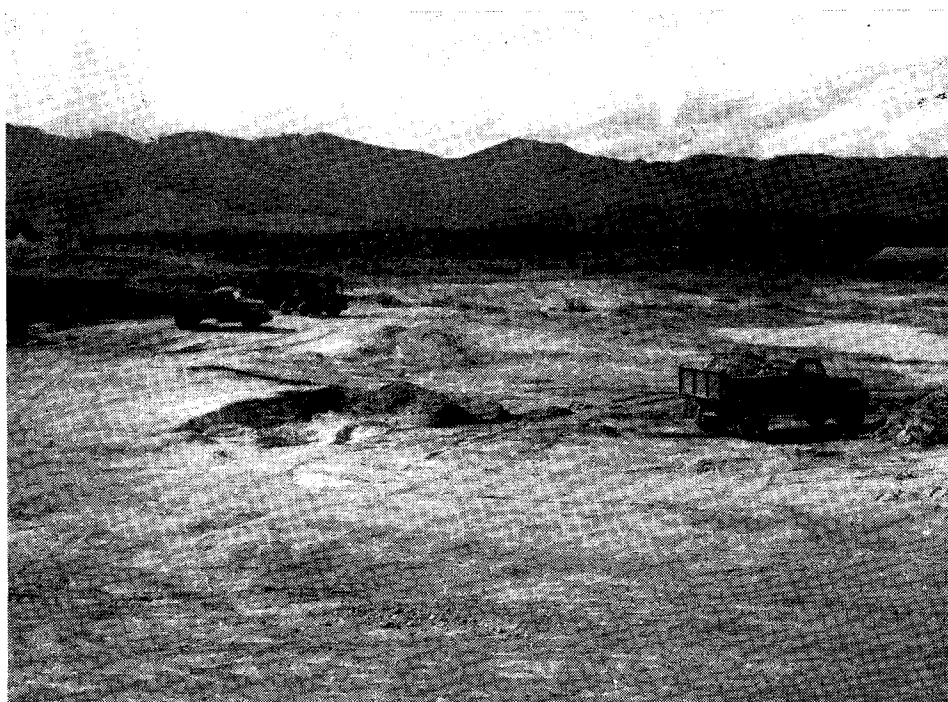


Fig. 23 — Tendo como pano de fundo a serra do Itapeti, representante mojiana do nível das Cristas Médias (1 000 e 1 200 metros) vemos aqui o bairro do Pedregulho, onde se faz a exploração dos seixos do terraço onde a cidade de Moji se assenta.

(1958 — Foto do autor)

Quanto às propriedades horticolas, avícolas ou mistas, têm tôdas aspectos mais ou menos semelhantes relativamente às suas dependências. Quando a propriedade está em fase inicial, as construções são mais tôscas e menos cuidadas, inclusive a moradia, que pode ser um simples barracão de madeira ou uma cabana de terra batida; o fato se passa muito freqüentemente com japoneses em sua fase de arrendamento, período em que eles sacrificam o conforto pessoal e da família para dar o máximo de atenção à sua jardinagem ou às suas galinhas. De qualquer forma além da moradia que muitas vêzes, dado o grau de prosperidade chega a ser uma fina residência plantada entre árvores frutíferas, há, na propriedade avícola uma série de galinheiros que ocupam com relação à moradia uma posição bastante próxima; além disso, há a casa das chocadeiras e entre esta e os galinheiros a casa do pêso e classificação dos ovos. Quando a propriedade além de avícola é hortícola e frutícola também, juntam-se a essas dependências um depósito de maquinaria agrícola e ferramentas de reparo, um depósito de caixas, e outro para guardar sementes e os gêneros colhidos. Nas propriedades mistas os campos de plantio ficam geralmente em plano inferior, na várzea, enquanto os galinheiros e outras dependências sobem as encostas suaves deixando o espaço de melhores terras, livres para a jardinagem. Nas propriedades mais avançadas que procuram tornar-se o mais independentes possível das cooperativas, há também uma garagem com dois ou três caminhões de boa tonelagem para transporte dos produtos.

Como se vê, existe uma série tão grande de construções em propriedades mistas, — tipo mais comum — de forma que quando as propriedades desse gênero se avizinham muito — e parece que o japonês procura essa vizinhança por questões de tradição — forma-se uma aglomeração, que ao longe pode passar por um lugarejo, vila, ou um dos vários distritos que salpicam o município mojiano, entremeados de tufo de verdes diversos. Esse é um dos aspectos que contribui para dar à área aquela forma de *habitat* disperso em nebulosa.

A vida agrária: Bastaria uma análise comparativa ainda que superficial das secções do alto curso superior do Tietê, para que se verifique ser possível uma divisão da área em dois pólos distintos e de diferentes valores quanto à vida agrícola. Temos aí dois extremos, uma área muito pobre, representada pela secção próxima às nascentes do rio, cuja administração cabe a Salesópolis e outra, a oeste desta, incomparavelmente mais rica, turbilhonante de atividade, cuja significação é muito maior para a região, e cujo potencial agrário é apenas uma das facetas do progresso geral que aí se nota: Moji das Cruzes. Procuraremos, pois, caracterizar dentro do aspecto agrário, uma e outra área, tentando mostrar o que existe de mais representativo em cada uma.

A área de Salesópolis pelos motivos já expostos no capítulo referente ao povoamento, não pode beneficiar-se da vizinhança dos produ-

tores de café do vale do Paraíba. Assim, seu solo na maior parte das vezes viu-se ocupado por uma agricultura itinerante com a conseqüente destruição das matas e cujo objetivo foi mais a subsistência do que o trampolim para a vida comercial razoável baseada nas riquezas do solo. Primitivamente plantaram-se cereais dos quais sobressaíam o feijão e o milho, além de uma cultura de café que nunca passou do estágio de "fundo de quintal". A cana-de-açúcar também foi tentada, chegando mesmo a aparecer algumas engenhocas para sua industrialização, também essa cultura não foi muito além da fase da tentativa e hoje, nem vestígios das engenhocas existem. Durante quase todo o tempo o fumo foi uma das mais constantes plantas que medram em terras do município, dando algumas vezes oportunidade para uma exportação no rumo de Moji das Cruzes, principalmente no século passado.

Em 1940, tendo falhado tôdas as tentativas de encontrar um rumo dentro da agricultura, iniciou-se uma devastação florestal, com objetivo



Fig. 24 — O terraço de 5 metros sôbre o qual a cidade se assenta é visto aqui em detalhe. Apresenta êle dois níveis de seixos de 1 metro separados por uma matriz que varia entre 1,5 metro a 2 metros. São seixos de quartzo bem rolados de tamanho variável (0,05 a 15 centímetros) sustentados por matriz argilosa.

(1958 — Foto do autor)

de obter carvão vegetal, destinando-o a Moji das Cruzes que, a êsse tempo iniciara o seu *rush* industrial, e constituía, por isso, bom mercado.

Entretanto, a exploração florestal feita sem um mínimo de racionalização e contando com um reflorestamento dos mais deficientes, não logrou o êxito esperado, e pouco tempo depois os salesopolenses foram obrigados a abandonar essa iniciativa. Hoje, o que de mais importante produz o solo agrícola de Salesópolis resume-se na cultura da tabua, do fórmio, batatinha e algumas hortaliças em escala de subsistência.

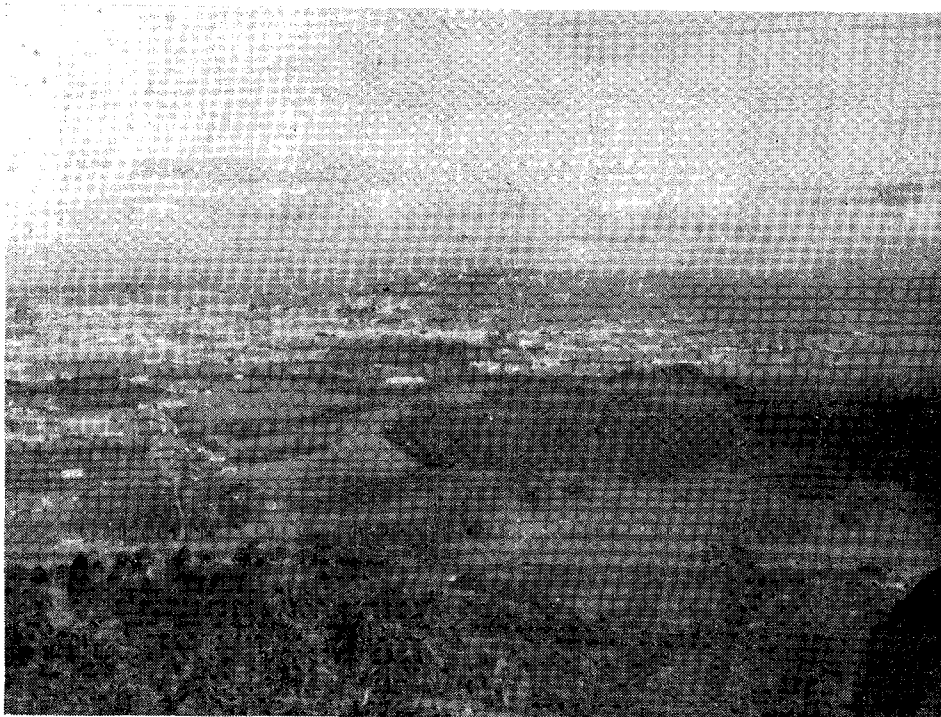


Fig. 25 — O Itapeti apresenta o nível intermediário altimêtricamente correspondente ao das colinas terciárias (800 metros) que enquadram a cidade pelo lado sul. Tal nível ao que tudo indica é um estágio erosivo do Tietê quando do reentalhamento a que foi obrigado após o soerguimento epigenético da área.

(1958 — Foto do autor)

A tabua, que já no século passado servia a uma indústria doméstica, teve seu plantio incentivado neste século e serve a uma pequena indústria de esteiras para proteção de frutas e palhões para garrafas, ambos exportados para Moji das Cruzes onde são utilizados.

A fibra do fórmio começou a ser cultivada depois de 1940, e hoje encontra seus exploradores em duas firmas que produzem cêrca de 60 toneladas anuais de fibra beneficiada e enfardada.

Seu campo de cultivo se fixou nas meias encostas dos morros cristalinos entre as localidades de Paraitinga, Gramma e Capela Nova, chamadas localmente de bairro.

O destino da produção depois de beneficiada e enfardada é São Paulo onde passa por processos industriais mais complexos.

Há três anos apenas, meia dúzia de famílias nipônicas localizaram-se em Salesópolis e começaram aí a empregar os seus conhecidos métodos de jardinagem.

O fato tem contribuído para a modificação da paisagem do local denominado bairro do Alegre, onde se localizaram êsses japoneses.

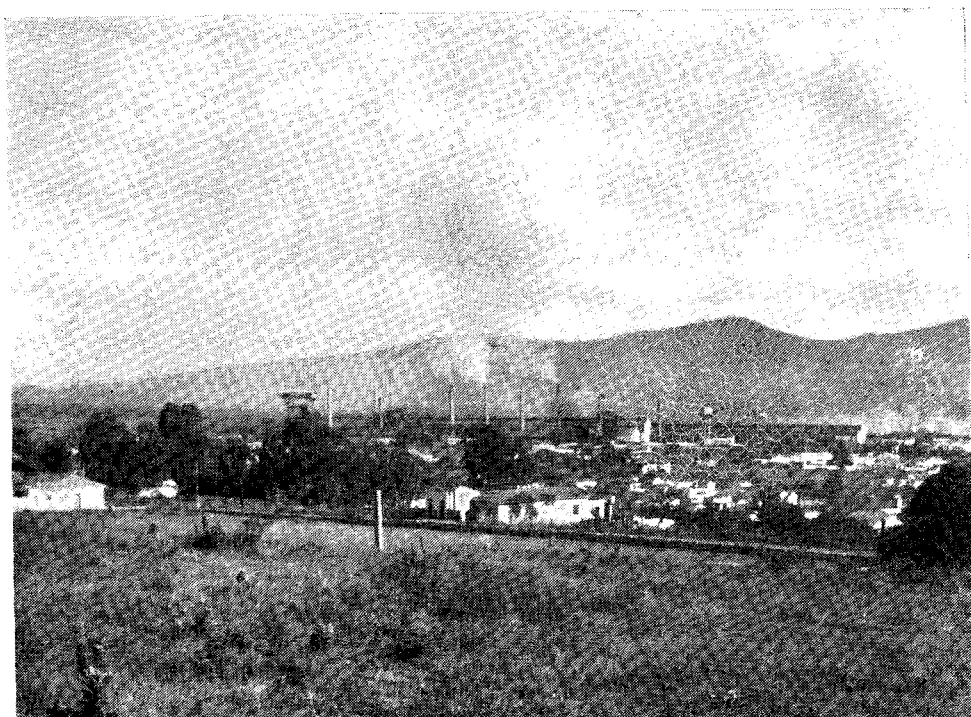


Fig. 26 — Nos pontos onde a várzea se alarga pelo afastamento maior do relêvo mais expressivo, o homem ocupou transformando a paisagem com os mais variados tipos de ocupação. Neste caso a várzea foi ocupada pela "Mineração Geral do Brasil", companhia siderúrgica que opera em Moji.

(1958 — Foto do autor)

Sua produção baixa ainda cobre as necessidades do município e se orienta para o cultivo da alface (200 sacos), repôlho (180 sacos), ervilhas (3 000 quilos), batata-doce (10 000 quilos) e pimentão (150 sacos). Todos êsses produtos são cultivados de preferência nos pequenos alvéolos planos existentes na área ou em eventuais alargamentos das várzeas; entretanto, êsse espaço é exíguo dada a movimentação da topografia de forma que os japoneses contrariando em parte suas preferências são obrigados a colocar suas culturas nas primeiras encostas suaves dos morros cristalinos, em terrenos de fraca inclinação, e em pequeninos patamares de morros que aparecem na área. Visam com isso a facilitar não só o preparo da terra antes da semeadura, como também permitir um perfeito trabalho de elevação da água e irrigação quando uma pequenina torrente não desce a encosta próximo à sua plantação. Apesar de serem ainda pobres e ostentarem tôscas casas como moradia, uma ou outra família com auxílio da cooperativa de Salesópolis começa a fazer uso de adubos químicos, aparecendo já entre êles duas bombas de irrigação e dois pequenos veículos a óleo

para tração de pequenos arados. Esses japoneses como se vê, não tiveram pelo curto prazo em que estão em atividade, o tempo suficiente para nivelarem com os de Moji das Cruzes o seu padrão de vida e o de suas culturas, mas a julgar pelos antecedentes do grupo nipônico nas diversas áreas onde se estabeleceu, é possível antever um futuro promissor para as terras do município de Salesópolis, com respeito à horticultura. Um outro produto que dia a dia vem encontrando maior preferência entre os homens do campo de Salesópolis é a batatinha.



Fig. 27 — Vista parcial de Moji das Cruzes, que mostra o progressivo galgar da cidade pelas colinas terciárias.

(1958 — Foto do autor)

Trata-se de propriedades que mantêm sua cultura de cereais para subsistência, algum gado, e uma exploração de madeira para lenha e carvão com reflorestamento em eucaliptos e que vêm ultimamente adotando em maior escala o plantio daquele tubérculo. Assim não é difícil ver bons espaços que não pudemos saber a quanto somam, plantados de batatinha inglesa, ora em pequenos patamares de morros, na meia encosta ou em pequenos alvéolos.

O certo é que a batatinha a continuar o ritmo em que vem sendo plantada pode-se constituir até em produto de exportação da área, pois pelo que sabemos já chega para as necessidades do município.

Eis aí um pálido retrato da vida agrícola da secção salesopolense do alto curso superior do Tietê, que dá uma idéia da pobreza em que vive a área, pobreza agravada pela dificuldade de escoamento dos produtos que aí se produzem, dada a inexistência de estrada de ferro que

daria acesso mais fácil e barato às zonas próximas mais importantes, como Moji das Cruzes e São Paulo de um lado e o vale do Paraíba de outro. A pequena exportação da área tem que escoar-se por estradas secundárias até atingir o caminho principal que vai para leste ou oeste, em caminhões, cuja capacidade de carga é limitada, cujo serviço é mais caro, além de não encontrarem boas estradas que possam facilitar a tarefa.

Bem outra é a situação da vida agrária mojiana, e logo à primeira vista saltam diferenças que se tornam cada vez mais gritantes a cada gesto comparativo. Em primeiro lugar, trata-se de uma área de pequenas propriedades, visto que de cada 100, noventa e duas conseguem chegar aos 10 alqueires; além disso, os seus 50 000 hectares de terra cultivada, o são na maioria como uma agricultura do tipo intensivo; outro fato que a distingue de Salesópolis é que a maior parte dos usuários é dono da terra que cultiva; trata-se portanto do minifúndio, produtivo, fértil, vivo, em contraposição às propriedades bem maiores mas incultas de Salesópolis.

Moji das Cruzes representa uma área em que no campo da agricultura, dominam as hortaliças, verduras e frutas. Há um predomínio das culturas temporárias sobre as permanentes em espaço plantado, unidade e valor da produção.

Pelas tabelas abaixo, podemos ter uma idéia das culturas que são feitas, da área cultivada, e da produção e seu valor, cujos números são referentes a quatro anos atrás, por não haverem dados comprovados mais recentes, mas que nem por isso deixam de mostrar a importância da atividade agrícola mojiana.

CULTURA	Unidade	Área total cultivada (ha)	Produção total	Valor da produção
Abóbora.....	Fruto	200	106 000	1 067 000
Arroz em casca.....	Saco 60 kg	270	10 800	5 292 000
Betatinha.....	Saco 60 kg	1 840	276 000	56 240 000
Cena-de-açúcar.....	Tonelada	30	1 500	360 000
Ervilha.....	Quilo	42	42 000	—
Feijão (das águas).....	Saco 60 kg.	80	2 460	1 722 000
Feijão (da seca).....	Saco 60 kg.	100	2 500	575 000
Mandioca.....	Tonelada	70	1 400	2 240 000
Milho.....	Saco 60 kg.	2 500	120 000	14 400 000
Tomate.....	Quilo	147	2 940 000	20 258 000
Batata-doce.....	Tonelada	780	14 040	18 252 000

CULTURA	Unidade	Número de pés frutificando	Produção total	Valor da produção (Cr\$)
Ameixa.....	Quilo	4 500	900 000	5 400 000
Caqui.....	Cento	9 000	29 000	2 610 000
Chá-da-índia.....	Quilo	60 000	3 800	133 000
Figo.....	Cento	5 000	4 630	239 200
Laranja.....	Cento	6 200	12 400	558 000
Limão.....	Cento	8 000	24 000	960 000
Pêra.....	Cento	10 000	12 000	480 000
Pêssego.....	Cento	70 000	24 000	2 400 000
Uva.....	Quilo	170 000	310 000	4 080 000

Além dessas, existem outras cujos dados de área e valor de produção não puderam ser computados com exatidão e que são os seguintes:

Aboborinha 10 000 caixas com 30 kg
 Alface 130 000 caixas com 15 dz.
 Couve 800 000 maços
 Cenoura 19 000 caixas com 30 kg
 Pimentão 83 000 jacás com 30 kg
 Pepino 31 000 caixas com 30 kg
 Repólho 485 000 jacás com 20 repolhos
 Vagem 480 000 quilos

Em dados mais recentes (1958) que pudemos obter, observamos nítido destaque para:

Batata-doce com 500 000 sacos de 60 kg
 Repólho com 485 000 sacos de 20 repolhos cada
 Batatinha com 470 000 sacos de 60 kg

Entre as frutas tivemos em 1958 destaque para:

Caqui: 60 caixas com 120 frutos cada
 Uva: 86 000 caixas com 8 kg cada
 Pêssego: 76 000 caixas com 28 frutas cada
 Limão: 20 000 sacos de 60 kg

A título informativo e curioso deve-se dizer que a produção de caqui se tornou de tal maneira importante que o governo resolveu instituir a festa do caqui em Moji das Cruzes que é aí celebrada anualmente. A fruta é plantada em número bastante grande de variedades, havendo até quem se especialize no seu cultivo, trabalhando para apresentar novas variedades que, como a Taubaté, Rama Forte, Hatia e Hiro-tane, se tornaram preferidas pelo seu rendimento.

Os terrenos de preferência para a prática da cultura dos produtos hortícolas são os de várzea, não só pela sua planitude que facilita o trabalho de preparação e drenagem, como também porque a qualidade turfosa e a umidade dêsses solos, prestam-se bastante para essa espécie de cultivo, que fica condicionado à técnica empregada principalmente pelos japoneses. Para a fruticultura já os baixos patamares de morros e as encostas suaves ganham a preferência, e acabam mesmo abrigando os produtos hortícolas, quando a propriedade pela sua localização não tem um bom pedaço de várzea para ocupar. As hortaliças e os legumes devem ser plantados na época que antecede as “águas de verão”, entretanto, calendário agrícola é coisa que não funciona muito para o agricultor da área, e principalmente quando este é japonês. Isto se dá em razão da procura de tais produtos no mercado e como o gênero extemporâneo sempre alcança maior preço, os japoneses, mercê dos seus conhecimentos dos trabalhos do campo e de um preparo técnico esmerado, acabam plantando na época e fora dela, segundo as possibilidades de lucro que vislumbram.

Via de regra, os plantadores são donos das terras que trabalham mas, especialmente para o caso do japonês recém-chegado, há passagem pelo estágio do arrendamento. Às vezes, a terra arrendada é um pedaço de várzea que mais parece um pântano. Aí começa o trabalho paciente do oriental, que se emprega de corpo e alma juntamente com sua família à faina da produção. Vem então primeiramente o trabalho de secar o lodaçal em que se estabeleceu; depois, são construídas as canaletas de distribuição de água por entre os bem desenhados retângulos de plantio. As primeiras sementes e mudas são fornecidas pela Cooperativa que nesta fase se liga inteiramente à vida agrícola do recém-chegado procurando retê-lo em suas fileiras como sócio; entretanto, não é raro um patrício vizinho celer-lhe as sementes. Em todo êsse árduo início, note-se, a mão-de-obra é constituída unicamente pelos membros da família. Nesse estágio, sua casa chega a ser pior que a do nosso caboclo itinerante, e o arrendamento é pago indiferentemente *in natura* ou em dinheiro; não é raro a Cooperativa mediar também essa transação. Depois do êxito das primeiras colheitas, começa o progresso, e o primeiro passo, é a compra da propriedade que usa.

Pouco a pouco, depois da aquisição da terra, importantes modificações vão-se produzindo. A propriedade aumenta cada vez mais de tamanho, até atingir por vezes os lindes de outras, crescendo também o número de canteiros e de espécies cultivadas. Aparecem as primeiras máquinas. De início são bombas de irrigação, “polvo” tocados a óleo que comanda vários braços de borracha; aparecem pequenos veículos também a óleo que puxam os discos que revolvem a terra; não passa muito tempo e ouve-se o ronco do primeiro trator, aparecendo outros depois. Complicam-se as dependências da propriedade: muitas vezes uma olaria surge no local; constroem-se depósitos de implementos agrí-

colas e de armazenamento de produtos e recipientes; aparece a primeira garagem para o primeiro caminhão da propriedade. Nesse momento, quem procurar pela antiga e acanhada casinha do proprietário verá em seu lugar nada menos que um palacete, não raro cercado por um jardim no estilo oriental, com gracioso arranjo de repuchos e frágeis pontes que atravessam pequeninos lagos artificiais. Nesse estágio, o proprietário já não trabalha tanto quanto antes, e vêem-se distribuídas pela propriedade várias casas caboclas de moradores que lavram suas terras.

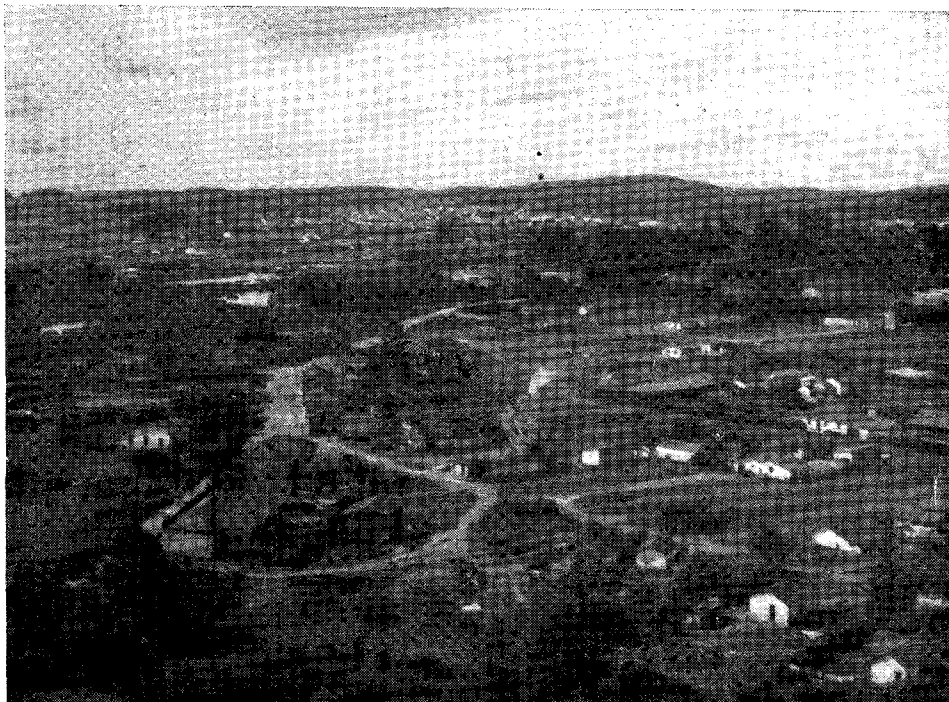


Fig. 28 — Do lado sul o núcleo mojianô consegue ocupar as ladeiras mais suaves das colinas terciárias; do lado norte, a cidade esbarra com as primeiras ladeiras do Itapeti e estaca quase abruptamente. É o que se observa desta vista tomada do nível intermediário do Itapeti.

(1958 — Foto do autor)

Como umas espécies exigem mais do solo do que outras, há uma rotação de culturas cujo prazo varia muito segundo as necessidades do momento. Os plantadores, procuram seguir as instruções da Cooperativa quanto à qualidade e quantidade de adubos a empregar, bem como o procedimento no combate às pragas. O adubo orgânico quase sempre provém das galinhas que êle mesmo cria quando a propriedade é mista, ou que compra de seus vizinhos avicultores; o mineral é distribuído pela Cooperativa e ali preparado segundo a dosagem que o solo requer depois do comprovante analítico do mesmo. É ainda a Cooperativa que se encarrega do escoamento e colocação de sua produção de cujo produto retira uma parcela (mais ou menos 20%), dos quais 1/3 fica consignado como quota em nome do proprietário associado, e o restante fica como lucro da própria Cooperativa.

Cinco cooperativas associam os plantadores da área: a Agrícola de Cotia, a Agrícola Progressiva, a Agrícola Mista de Moji das Cruzes, a Agrícola Mista de Salesópolis e a Norte de São Paulo. Como vimos, as cooperativas auxiliam o lavrador mediante uma parcela do produto das vendas, fornecendo sementes e mudas, dosando adubos e analisando solos, dosando rações para galináceos e ajudando a combater suas pragas, coletando as safras nas propriedades com seus caminhões, colocando-as no mercado com certa garantia de venda e preço. Apesar disso, quando o lavrador já atingiu certo progresso, passa a fazer todos aqueles misteres tentando tornar-se independente da Cooperativa. Assim, adquire seus adubos em outras fontes, que lhe possam fornecer mais barato, dosa-os e aduba segundo as conveniências do momento. Ainda mais, compõe a sua própria frota de caminhões para o transporte não só dentro da sua propriedade como também para levar o produto ao mercado, onde vende diretamente as suas safras, entregando à Cooperativa apenas uma parcela do que produz para venda. Torna-se portanto cada vez menor para o grande agricultor a sua participação em conjunto com a Cooperativa nos negócios agrícolas.

A maior parte da produção vai para as praças do Rio e de São Paulo, principalmente o primeiro, e é transportada em grande parte através de caminhões dos plantadores ou das cooperativas. O fato chega a estranhar, pois a E.F. Central do Brasil que liga Moji das Cruzes a esses dois pólos poderia ser mais utilizada do que é. A explicação que nos foi dada é que o transporte pela Central é moroso e está sujeito a uma série de contratempos que os produtos transportados não podem sofrer, por se tratar de gêneros perecíveis em sua maioria. Além disso, o zelo dos funcionários é tal que eleva a "quebra" de mercadoria a índices fora de qualquer previsão. Com isso tudo não admira que os plantadores prefiram o transporte por caminhão, que embora mais oneroso garante a entrega em tempo e a boa qualidade da mercadoria.

A avicultura é também uma das fontes mais rendosas que provém do campo na secção mojiana do alto curso superior do Tietê; nacionais e japoneses praticam-na associada ou não à horticultura. Entre os japoneses esse trabalho é exercido em grande parte pelas mulheres que dão também o seu auxílio às atividades horticolas.

As galinhas são selecionadas, sendo 1/3 de raça New Hampshire e o restante de Leghorns brancas de linhagem apuradíssima. Empregam-se dois métodos para a criação: o dos galinheiros e o das baterias. Os galinheiros são sempre muito pequenos com relação ao número de aves; geralmente cinco galinhas ocupam 1 metro quadrado. As aves são muito bem nutridas, superalimentadas mesmo com uma mistura de farinha de carne, farelo, farinha de ostra, milho e verdura. Os criadores mais abastados, querendo aumentar a produtividade, chegam a fazer instalações de luz elétrica nos galinheiros; em plena noite as luzes são acesas e as galinhas descem dos poleiros para se alimentarem. Aliás, a escassez de espaço no galinheiro está também ligada ao aumen-

to da produção, visto as galinhas não poderem se mexer muito concentrando sua energia para a postura. O sistema de baterias compreende viveiros suspensos, construídos inteiramente em tela de arame inclusive o piso, enquanto os galinheiros são construídos sobre pilares de um metro de altura, em alvenaria, com cobertura de telhas e piso de tijolos ou cimentado, com tela na frente e uma abertura junto ao piso que dá acesso ao côcho em que se põe a alimentação.

Quer em galinheiros, quer em baterias, processa-se sempre uma limpeza cuidadosa do recinto para assegurar a saúde das aves. O estrume é sempre aproveitado como adubo na propriedade mesmo se se trata de uma propriedade mista, ou é vendido alcançando o preço de Cr\$ 50,00 o saco. Os grandes avicultores têm amplas incubadeiras, mas os que não as possuem servem-se das que existem na cidade cujos proprietários se dedicam exclusivamente ao negócio da incubação. Os ovos ficam na incubadeira por dezoito dias de onde são retirados e colocados no nascedouro até completarem vinte e um dias quando então nascem os pintos. Os pintos de um dia são separados por sexo; o método é prático e seguro e seu segredo pertenceu durante muitos anos aos japoneses. Os machos de um dia são vendidos a Cr\$ 1,00 no mercado da cidade ou em São Paulo para onde são enviados. Os criadores em geral, e os japoneses em especial, só se interessam pelas fêmeas, que imediatamente são vacinadas contra uma série de doenças a que estão sujeitas.

As Leghorns que são, em maioria, pouco apreciadas como carne vendendo-se localmente muito poucas para consumo. As aves de mais de dois anos, quando começam a produzir menos, são mandadas para os matadouros em São Paulo, onde, depois de limpas e depenadas são vendidas em casas de carnes. As galinhas de *pedigree* são vendidas a preço elevado entre os criadores. Muitos destes, principalmente os japoneses antes da última guerra, importavam galos e galinhas de alta linhagem do Japão para servir na reprodução.

Convém não esquecermos que em tôdas as fases da produção de galinhas e ovos existe o auxílio das Cooperativas aos seus filiados: dosagem e modo de preparar a ração; vacinação, venda de galinhas e pintos, transporte e colocação dos ovos nas praças de venda. A produção é canalizada, depois de atender às necessidades locais, para São Paulo e Rio; êste principalmente em matéria de ovos, consome a maior parte da produção de Moji das Cruzes. Sem dúvida uma cifra superior a 1 400 000 galinhas que põem mais de 480 000 ovos por dia e fazem de Moji das Cruzes o principal centro avícola da América do Sul, são uma das grandes riquezas da área.

Quanto ao gado, apenas o bovino merece destaque dentro da secção mojiana do alto curso superior do Tietê, já que outras espécies existem em pequena quantidade e não resultam com um peso razoável na balança da produção da área.

Do bovino, devem-se destacar as 5 000 cabeças de gado leiteiro de linhagem holandesa que povoam algumas fazendas especializadas, localizadas em grandes espaços de várzea e encosta cuja produção chega a 4 000 000 de litros de leite por ano em média. É uma atividade não muito antiga na zona essa da cria para leite de gado holandês, mas já dá mostras do êxito a que está fadada, principalmente, quando se conhece o progresso que vai pelas propriedades, como a Granja Iroí ou a Fazenda Bela Vista.

Algumas propriedades chegam a vender seu leite em São Paulo, rotulado na categoria A, transportado em caminhões próprios.

Fazenda Nagão — um exemplo de propriedade mista em Moji das Cruzes.

Há 30 anos, o Sr. NAGÃO veio do Japão e instalou-se com sua família em terras do município mojiano. Sua propriedade fica no quilômetro 10 da estrada que leva a Cocuera, entre as encostas mais baixas de uma série de morros cristalinos cortados pelo vale do Tietê. Aí a várzea tem pequena expressão, de modo que o proprietário não pode contar com muito espaço, com solos úmidos e turfosos que ela proporciona. De qualquer forma o Sr. FIGUTARO NAGÃO com aquela atividade persistente peculiar aos japoneses soube transformar os seus 5 alqueires de 30 anos atrás nos seus 120 de hoje, que o fazem um dos homens mais respeitados da região.

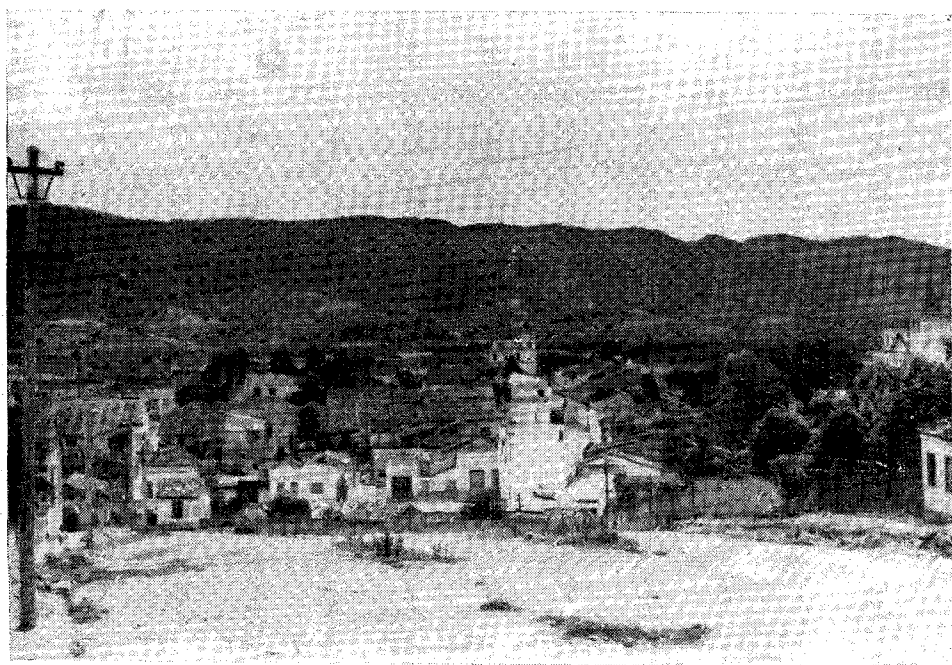


Fig. 29 — Nesta fotografia podemos observar os quatro elementos que compõem o quadro morfológico da cidade de Moji das Cruzes: no primeiro plano, a encosta de uma das colinas terciárias; no centro o terraço sobre o qual nasceu e se assenta a maior parte da cidade; no fundo o Itapeti com seu nível intermediário de 800 metros, climetrimicamente correspondente ao nível das colinas.

(1958 — Foto do autor)

Pratica-se aí a horticultura, fruticultura e a avicultura. A horticultura além de se utilizar de uma pequena faixa de várzea, fixou-se nos lugares mais planos ou em pequenos e suaves patamares de morros que aí existem, visando a facilitar os trabalhos referentes ao plantio. Nessa atividade que abrange quatro alqueires merecem destaque especial o repólho, a batata-doce e a batatinha. Segundo os métodos de cultivo de que já tratamos e empregando a mecanização em alta escala, pois a propriedade possui nada menos de 5 tratores e 8 bombas de irrigação, os canteiros de repólho do Sr. NAGÁO atingiram no ano passado uma produção de 28 000 jacás, com 20 repolhos em cada um. Essa e as demais hortaliças são as plantações que ficam mais próximas à casa de moradia. A batatinha inglesa e a batata-doce ficam mais distantes e têm um soberbo rendimento de 30 000 sacos de 60 quilos cada espécie. No setor da fruticultura, em que são aproveitadas as encostas menos suaves dos morros cristalinos, além da ameixa e da uva, temos o limão e o caqui, estas duas últimas com um destaque especial. O caqui é plantado em sete alqueires num total de 5 000 pés das variedades Taubaté, Rama Forte, Hatica e Hiratane, o que dá uma produção de 20 000 caixas. Quanto ao limão é também cultura de meia encosta e cobre um total de 7 alqueires também, onde igualmente temos 5 000 pés. A produção é grande e quando o mercado não consegue absorver tudo, é feita na fazenda mesmo a extração da essência para venda em fábricas principalmente de doces e sorveterias.

No setor de avicultura temos nada menos de 20 000 galinhas agrupadas em 30 galinheiros preparados com os mais modernos requisitos da técnica empregada nesses casos. Dois terços como é quase regra são de Leghorns e o resto de New Hampshire; as primeiras produzem de 2 a 3 anos e as outras depois de um ano entram em decréscimo de produção. A produção média diária chega às vezes a atingir 10 000 ovos. Dentro de um esquema racional e cuidadoso de trabalho as galinhas são alimentadas convenientemente e passam por uma seleção que destaca as melhores poedeiras. A fazenda possui uma incubadeira elétrica em edifício especialmente construído com capacidade para 24 000 ovos de uma só vez. Entretanto, o Sr. NAGÁO usa apenas 8 500 ovos por vez que depois dos 18 dias regulamentares passam ao nascedouro. Após os 21 dias nascem os pintos e começa o trabalho de separação das fêmeas para reprodução e dos machos para a venda; cada incubação dá 50% de machos. Uma parte dos ovos produzidos vai para a venda aos mercados de São Paulo e Rio de Janeiro, passando por um processo de seleção quanto ao tamanho e pêso à procura de uma uniformidade de padrões, segundo os quais se obterão preços mais compensadores. Além desse comércio de ovos, existe o de galinhas para corte e para reprodução, que sem dúvida vem aumentar em muito os lucros da fazenda.

Os adubos e rações utilizadas são em parte comprados à Cooperativa Mista de Moji das Cruzes e em parte comprados diretamente pelos

proprietários aos representantes em Moji das Cruzes, de firmas de São Paulo. O transporte também se divide entre o proprietário e a Cooperativa, em caminhões, havendo uma outra parte que segue aos cuidados da Cooperativa pela E.F.C.B. Segundo o proprietário 80% da produção exportável vão para o Rio de Janeiro.

Se no início a mão-de-obra era representada pelos 6 membros da família, hoje já não acontece o mesmo. Embora seus filhos além de estudarem em São Paulo, ainda tenham suas funções na propriedade, há 10 assalariados empregados aí, somente para os trabalhos de avicultura, e 15 moradores com seus familiares empregados em tarefas de plantio e transporte. Não conseguimos saber do Sr. NAGÃO quanto ganha cada empregado seu, mas sabemos que cada um tem direito a plantar a sua horta e ter seu galinheirozinho em volta de suas casas, umas barreadas, outras de alvenaria espalhadas em pontos estratégicos pela propriedade.

Quanto às instalações, existe além dos 30 galinheiros, uma grande garagem para os caminhões e os tratores, a construção que abriga a incubadeira e o nascedouro dos pintos, além da sala de seleção de ovos; finalmente um grande depósito que abriga caixas de acondicionamento, e os produtos das safras, envolvem a moradia confortável que fica sobre um pequeno patamar artificialmente cortado na encosta de um morro.

Várias estradas foram abertas dentro da área da fazenda para acesso dos veículos aos diversos locais de cultivo, enquanto fora, o Sr. NAGÃO construiu duas estradas, uma que conduz ao seu vizinho mais próximo e que faz parte de uma rede de estradas de vizinhança e outra que conduz diretamente ao caminho principal nas proximidades do "comércio" de Cocuera.

Parte da fazenda acha-se revestida por um manto verde de mata secundária que se localiza principalmente nas ladeiras mais próximas aos tôpos e nestes, enquanto 10 alqueires estão plantados de eucaliptos que também se vendem para a produção de lenha.

Mate Luzia. Exemplo de uma propriedade em que a paciente técnica japonesa se vê transplantada para Moji das Cruzes.



Fig. 30 — A rua Dr. Deodato Whertheimer é uma das mais antigas de Moji e se renova a cada lance de progresso da cidade. Compõe o quadrilátero central e abriga inúmeros elementos de uma ativa função comercial. (1958 — Foto do autor)

Não tanto pela importância econômica que acarreta, nem pelo volume excepcional de produção mas por traduzir uma atividade e um gênero de vida regido por uma técnica aprimorada por uma tradição oriental milenar, que foi transportada para o Brasil, essa propriedade merece ser estudada ainda que ligeiramente como o fazemos.

O proprietário com 20 alqueires de terras não é dos que se especializaram na fruticultura, horticultura ou avicultura, apesar de ter seu pomar, galinheiros e hortas para consumo. A propriedade que fica instalada sobre colinas cristalinas de 800 metros, a 15 quilômetros de Moji das Cruzes, para o lado leste, tem metade de suas terras plantadas com chá. Apesar do nome "Mate", não é essa espécie que aí se planta e sim o tipo "Lipton" ou chá-da-índia.



Fig. 31 — A movimentada rua Ricardo Vilela, além de abrigar importantes casas de comércio de Moji, é caminho obrigatório da passagem dos estudantes que demandam o Ginásio Estadual. (1958 — Foto do autor)

Os dez alqueires de chá escalonaram-se por degraus, em fileiras intermináveis pela encosta dos morros. O plantio é feito em setembro-outubro. Só quando a planta atinge meio metro é que começa ser utilizada; o interessante, é que não se usam as folhas tôdas do pequeno arbusto, mas tão somente os brotos. Êstes, levam um ano para adquirir o tamanho de 10 centímetros quando então podem ser cortados. O rendimento é de 3 toneladas de chá por alqueire plantado.

A industrialização é feita ali mesmo, ocupando um casarão enorme feito de tronco e alvenaria obedecendo a interessante estilo oriental, em dois andares, que além de abrigar a maquinaria serve também de depósito para o produto. Cortados os brotos, o chá é lavado com o má-

ximo cuidado em grandes tanques onde é retirado todo e qualquer material estranho que porventura tenha vindo com o produto. Depois disso, em grandes tabuleiros que se enfiam em estantes como gavetas é pôsto a secar. Daí o produto passa à moagem que é feita muito lentamente com o fito de extrair parte do sumo dos brotos. Há uma série de seis aparelhos de moer colocados uns ao lado dos outros, à semelhança de grandes tachos, e que são movidos por um motor elétrico: são os *djnenki*. Diga-se de passagem que essa aparelhagem pesada de ferro é tôda importada do Japão como pudemos verificar. O chá fica no aparelho durante uma hora sendo que cada *djnenki* mói 20 quilos nesse tempo. Depois da moagem vai em peneiras especiais para uma estufa onde fica 3 horas até tornar-se vermelho. Em seguida passa por estufas onde permanece 10 minutos cada vez, em secagens sucessivas até ficar prêto e as folhinhas dos brotos ficarem total e fortemente enroladas sôbre si mesmas parecendo um fio de barbante prêto. A operação final é a classificação dos tipos em peneiras especiais, indo depois para o empacotamento; cinco quilos de fôlhas brutas dão um quilo de chá.

Essa interessante cultura e indústria rural conta com o concurso de assalariados-diaristas para o plantio e colheita, pois as outras operações são feitas pela família do proprietário composta de 5 pessoas. Afirma o proprietário que a atividade é praticada já há 25 anos e que a sua produção que conta com o auxílio da Cooperativa é exportada não só para São Paulo e Rio, mas também para a Argentina.



Fig. 32 — Ampla e bem calçada a rua Voluntário Fernando Pinheiro, que vai ter ao centro da cidade, tem importante papel não só na circulação urbana, pois liga-se diretamente à estrada que demanda São Paulo.

(1958 — Foto do auto)

IV

A VIDA URBANA

A secção do Planalto Atlântico, que se dispõe de SO para NE e que fica entre os altos cursos superiores do Paraíba e do Tietê e o rebôrdio oceânico da serra do Mar é pobre em centros urbanos de importância; destaca-se aí apenas um centro de importância que é Moji das Cruzes. Dessa forma, dentro da nossa pequena área do alto superior Tietê, apenas Moji das Cruzes por todos os títulos merece o nome da cidade; como se viu trata-se de uma área de povoamento antigo mas de desenvolvimento muito recente ainda, pois a própria Moji das Cruzes só começou a reviver da última década do século passado, para os nossos dias.

Uma primeira forma de aglomeração urbana vamos encontrar nos chamados distritos, designação de caráter administrativo para pequenos centros muito ligados à vida rural. Alguns, como os que existem dentro do município de Salesópolis não passam de vilas-ruas, outros, como os da área municipal mojiana, chegam a formar bairros.

Alguns desses distritos se destacam pela importância de sua população; como Biritiba-Mirim, Jundiapéba, Sabaúna, Taiaçupeba que significam uma cristalização urbana em ambiente rural, cujo nascimento é espontâneo pela localização estratégica que apresentam em meio a uma aglomeração maior de propriedades agrícolas, de certa envergadura. Todos eles têm algumas características comuns. Localizam-se via de regra linearmente sobre as estradas quer de ferro, como Jundiapéba ou Sabaúna, quer de rodagem como Taiaçupeba ou Biritiba-Mirim; apresentam em geral uma praça, que quando localizada sobre a estrada de ferro é da estação, e quando sobre estrada de rodagem não passa de um alargamento da própria estrada; a rua principal, onde se localizam as poucas casas de comércio é sempre o trecho da própria rodovia que passa dentro do distrito, ou acompanha para só começou a reviver da última década do século passado, para os lealmente os trilhos quando pelo distrito passa a estrada de ferro; o número de ruas pode variar desde duas que se dispõem em cruzamento até 15, nos maiores distritos; o número de casas, variável também, vai de 25 nos menores até 210 nos maiores distritos, sendo que em todos os casos pelo menos 50% são de alvenaria, quando existe luz elétrica, de 40 a 60% das casas possuem instalações; em quase todos há um grupo escolar, uma subdelegacia e cadeia, um cartório, às vezes um posto médico-sanitário e sempre uma igreja ou capela.

Para um caso concreto, vejamos o exemplo de Biritiba-Mirim. Esse distrito de Moji das Cruzes, que se localiza a menos de 20 quilômetros a SE dessa cidade, fica às margens de um pequeno córrego que tem por nome Biritiba, afluente da margem esquerda do Tietê. Os morros cristalinos baixos onde se assenta, movimentam sua topografia, e como está sô-

bre a rodovia que leva a Salesópolis seu logradouro principal e centro mesmo, é uma praça que não é outra coisa senão o alargamento da própria estrada. Além da grande praça que aí se vê, existem oito ruas mais onde existem 204 casas, sendo 145 de alvenaria, das quais 94 são servidas por luz elétrica. A função comercial é representada por 30 casas que se dispõem quase tôdas na praça principal, onde aparecem bares, casas de roupas, miudezas, pôsto de gasolina e o significativo número de 8 oficinas para autos, o que diz bem da importância agrícola da área que rodeia Biritiba. É nessas oficinas que se reparam os caminhões das cooperativas que aí vêm buscar os gêneros do campo, onde existem propriedades de importância como a Fazenda Takebe. Fora isso temos a subdelegacia e cadeia em uma travessa da praça, o grupo escolar que fica nos limites urbanos do lado leste de Biritiba, um cartório, e uma grande igreja no fundo da praça.



Fig. 33 — Eis o importante cruzamento das ruas Dr. Deodato, José Bonifácio e Praça D. Firmina, que abriga o prédio de quatro andares, o mator de Moji e onde se vê também o quiosque da estação rodoviária, de onde partem ônibus para São Paulo e municípios vizinhos.
(1958 — Foto do autor)

Fora os gêneros de bôca, que a própria área rural produz, todo o restante vem de Moji das Cruzes para Biritiba pela estrada que liga aquela cidade a Salesópolis, transportado muitas vêzes como frete de retôrno nos caminhões dos plantadores das redondezas que vão levar seus produtos para a sede do município.

Além dessa forma de aglomeração urbana existem as cidades de Moji das Cruzes e de Salesópolis.

O pequeno núcleo urbano de Salesópolis

Sítio: — O pequeno povoado de Nossa Senhora da Ajuda, ex-São José do Paraitinga, e hoje Salesópolis, fundado em princípios do século passado, por ALEIXO MIRANDA, localiza-se às margens do rio Paraitinga, afluente do Tietê em seu alto curso superior. O pequenino rio que tem seu leito cavado entre uma série de morros cristalinos cujas cotas estão entre os 800-900 metros é, entretanto, responsável pela continuação do eixo de passagem aberto pelo Tietê no rumo da cidade. Junto, portanto, a esse eixo de passagem e do rio, colocam-se as primeiras instalações de Salesópolis. Não tardou, entretanto, o povoado em começar a galgar as encostas dos morros para o lado sul, e ao longo do rio, num sentido grosseiramente leste-oeste. Sem atingir, entretanto, os topos mais elevados, a cidade ficou encravada a partir do eixo do rio, entre o conjunto de morros cristalinos. Salesópolis é hoje portanto uma verdadeira cidade ladeira visto que se inclina das encostas de meia altura para o sul, em direção ao Paraitinga, em rampa de lances abruptos. Assim, seu sítio de encostas apresenta-se ao mesmo tempo linearmente disposto num sentido leste-oeste, seguindo o eixo principal de passagem.

Dentro desse esquema, podemos distinguir três diferentes níveis onde a cidade se assenta. O primeiro, que chamaremos “nível do rio” e que foi o nascedouro de Salesópolis 830-835 metros de altitude; o segundo, que chamaremos “nível da igreja” e que é um pequeno patamar situado entre a cota dos 800 e a dos 900 metros, mede 855 metros de altitude; finalmente o último, que chamamos “nível do cemitério”, e que representa a parte mais alta da cidade tem 875 metros. É fora de dúvida que o desnível tão grande existente entre o ponto mais baixo e o ponto mais alto da cidade num espaço de 500 metros cria para a cidade uma topografia difícil, tortuosa mesmo e que tem seus reflexos na estrutura urbana. Quatro pequenos córregos afluentes do Paraitinga e que têm suas cabeceiras nos morros do lado sul da cidade, de certa forma, e embora canalizados seccionam o sítio urbano, deixando a impressão dos seus pequeninos leitos na topografia.

População e espaço urbano: crescimento

Impossível quase se torna a nossa tarefa, dada a escassez de dados concretos, acompanhar uma linha evolutiva no sentido do crescimento da população de Salesópolis. Em todo o caso, sabermos que até os fins do século passado, quando a população do município não chegava à casa dos 5 000 habitantes, a cidade possuía cerca de 700 almas. O que se pode notar é que em 1925 para uma população municipal de 7 426, a população da sede chegava aos 800 habitantes. Quando, em 1950 a população municipal somou 8 720 almas tivemos para a cidade 1 170 habitantes. As estimativas para 1960 dão 1 264 habitantes para a cidade para um total de 9 269 estimados para o município todo. Dessas ci-

fras poderemos tirar algumas conclusões: a primeira, é de que se trata realmente de um aglomerado tão pequeno que só merece o nome de cidade administrativamente; em segundo lugar pode-se observar uma constância entre a população municipal e a da cidade, pois esta é sempre 14% daquela salvo para o ano de 1925, quando caiu para 11%; finalmente se chega à conclusão de que se trata de um município de população essencialmente rural, e que as funções urbanas existem apenas em função do campo aí em Salesópolis.

Quanto ao crescimento do espaço urbano, embora não pudéssemos contar com plantas antigas, o inquérito nesse sentido levou-nos juntamente com a observação às seguintes conclusões: o núcleo inicial e que perdurou até quase os fins do século passado era um triângulo quase perfeito, com a base voltada para o lado norte e paralela ao rio, e o vértice na antiga capela, hoje igreja; até 1940, a cidade preencheu quase todo o nível de 855 metros (nível médio da cidade, ou da igreja), transformando a figura geométrica de triângulos com aproximadamente três quarteirões de base, para um quase retângulo com seis quarteirões acompanhando paralelamente as margens do rio; o resto da cidade foi ocupado depois de 1940 com extensões para leste, nos três níveis. Dentro desse crescimento podemos notar, em primeiro lugar, o papel que teve o rio em uma orientação linear da cidade, e também o seu papel de barreira na conquista do espaço urbano para o norte, já que o desenvolvimento todo se fez para o sul e para leste. Nota-se ainda, que somente agora, a cidade ensaia ultrapassar o curso do Paraitinga para o norte, através de um comêço de rua, em busca das encostas opostas ao atual sítio urbano. Assim, a parte mais antiga da cidade ocupa a maior parte do perímetro urbano, enquanto a parte mais recente fica confinada a uma faixa N-S, no extremo leste, entre o cemitério e os limites orientais. É nessa parte também que o arruamento menos regular, fugindo ao xadrez, dá melhor idéia das dificuldades que a topografia impõe para uma expansão em direção às partes mais elevadas dos morros cristalinos.

Aspecto atual

Quem visita hoje Salesópolis tem impressão pelo menos de estagnação senão de decadência. Apenas algumas de suas 12 ruas têm iluminação pública, e o aspecto velho do casario domina a tentativa de renovação que se nota aqui e ali em presença de uma modesta construção nova ou dalguma casa caiada de novo; os telhados, para quem os vê de cima apresentam aquela côr escura e aquêlê arqueamento tendente para a concavidade tão característica da decrepitude. As ruas em geral não são calçadas e apenas um ou outro dos estreitos passeios estão cimentados. No conjunto das suas 535 casas, a maioria não possui água encanada, a metade não recebe os benefícios da luz elétrica, e uma porcentagem de pelo menos 35% ainda é de taipa; não existe prédio com mais de dois povimentos.

A função residencial é a mais expressiva dentre todas visto que a rigor a sua meia centena de casas comerciais que se concentram nas três primeiras ruas paralelas ao rio, dedicam-se a um pequeno comércio de comestíveis, produtos da terra, e roupas importadas de São Paulo, via Moji das Cruzes. Quanto à função industrial, além da indústria doméstica de cigarros que ainda subsiste, temos uma firma de industrialização de tabua, que confecciona esteiras para proteção de frutas e palhões para garrafas, e duas (Fibras Tenax e Fibrosópolis) que industrializam o fórmio. Fora disso, de importância só pode ser citada a industrialização da energia elétrica inaugurada em 1912, à custa de uma queda d'água do Tietê, cuja usina fica no "bairro dos Freires". A função bancária é representada por uma agência do Banco Nacional de São Paulo e uma da Caixa Econômica Estadual de São Paulo. Além da prefeitura, vamos encontrar pertencendo à organização oficial, a delegacia com respectiva cadeia pública, uma escola primária, um posto médico-sanitário e a agência dos correios e telégrafos. As profissões liberais são representadas por dois médicos e dois dentistas e a função religiosa pela igreja da praça Siqueira Campos e duas pequeninas capelas próximo às saídas da cidade.

Quanto às comunicações salienta-se o papel das rodovias que ligam Salesópolis a Moji das Cruzes para o lado leste, e a Guararema para o lado oeste; uma empresa de ônibus sediada em Moji das Cruzes faz o serviço de ligação entre as 3 cidades, com meia dúzia de horários diariamente.

MOJI DAS CRUZES

Sítio

Moji das Cruzes fica à margem esquerda do rio Tietê muito próximo à vertente meridional do divisor d'água entre este último e o rio Paraíba. Esta localização veio trazer à cidade inúmeras vantagens entre as quais a conexão fácil entre os vales dos dois rios, que levam de um lado ao Rio de Janeiro e de outro a São Paulo, fato que vem também explicar muita coisa da atividade econômica em que se emprega a população mojiana.

Realmente a cidade de Moji das Cruzes se situa entre uma zona meandrosa de pequena área de sedimentação no alto curso superior do Tietê. Aí, como acontece em outras áreas do percurso fluvial, a várzea alarga-se dando origem ao espaço urbano. Justamente nesse espaço foi modelado o terraço sobre o qual a cidade se assenta. Trata-se de um terraço fluvial típico da categoria dos *fill terraces* que se coloca entre os sopés das colinas e a planície de inundação do Tietê. A área terraceada é baixa, pois conta no máximo com 5 metros de altitude com relação ao nível da várzea, mas enxuta. Os terrenos pleistocênicos que compõem o terraço são firmes e consistentes devido aos leitos de

seixos. Estes colocam-se em dois níveis, ambos com pouco mais de um metro de espessura, separados por uma matriz sedimentar de metro e meio em média. Tal disposição estrutural é nitidamente visível próximo à barranca do rio a sudeste da cidade, no bairro que leva o sugestivo nome de Pedregulho, em local onde se faz a exploração industrial dos seixos. Tais seixos quartzosos se apresentam na maioria bem rolados e com tamanhos que variam entre 0,5 a 15 centímetros. A matriz que os sustém é composta de uma mistura argilo-arenosa com predominância de argila, que é localmente explorada e industrializada.

O terraço levemente convexo apresenta-se ligeiramente inclinado de oeste-noroeste para leste-sudeste em direção às barrancas do Tietê, fato que produz para a cidade uma topografia praticamente plana. Os pequenos córregos como o do Matadouro, no extremo oeste da cidade, o do Ipiranga e o de Cima, formadores do Negro, afluentes do Tietê, que cortam a cidade numa direção grosseiramente norte-sul, não chegam a produzir sulcos profundos a ponto de seccionar o sítio urbano; se antigamente sua presença se fazia sentir por ocasião das chuvas mais fortes que elevavam os seus cursos, hoje, canalizados, não chegam a impressionar nem a topografia, nem a fisionomia do sítio urbano.

Tal sítio, terraceado e plano, propicia à cidade uma altitude média sem desníveis consideráveis por volta da cota de 750 metros. A cidade acha-se enquadrada pelo lado sul pelas colinas terciárias, irmãs gêmeas das que temos na cidade de São Paulo, cujas cotas estão em torno dos 800 metros, e que abrigam as nascentes dos pequenos córregos que atravessam a cidade em direção ao Tietê. Pelo lado norte e nordeste enquadra-as um nível intermediário do Itapeti, mas altimetricamente corresponde ao das colinas terciárias. Este nível deve ter tido origem no reentalhamento a que ficou obrigado o Tietê quando do soerguimento havido logo após a formação da fossa do Paraíba; assim sendo parece não representar nada mais do que um lance erosivo, para depois continuar a superimposição até o nível atual. Como pano de fundo para o lado norte da cidade desenvolve-se ligada ao seu nível intermediário, a serra do Itapeti.

Tanto no intermédio xistoso quanto no próprio Itapeti cristalino, há sinais evidentes de decomposição litológica, onde matacões que afloram apresentam altos índices de esfoliação e onde as rochas porfíricas se desfazem em grãos grosseiros com presença maior para os de quartzo. Uma boa pluviação anual e uma temperatura média relativamente elevada aceleram o processo físico de desintegração, e ladeando as encostas aparecem então os sinais carreadores da enxurrada, abrindo sulcos que não raro atingem um metro de profundidade.

Se por um lado, a passagem do terraço para as colinas terciárias faz-se suavemente, já do lado norte o contato entre o terraço e o nível intermédio do Itapeti é bem marcado na paisagem pela calha do Tietê,

que a 730 metros proporciona um desnível local de mais de 10 metros. A vegetação brejosa das partes mais baixas do terraço que se contrapõe à mata secundária das colinas cristalinas, uma temperatura média de 21,5 e uma pluviosidade de 1 300 mm aí completam o quadro físico da área onde se assenta a cidade.

Em conclusão é preciso que se registre que: se o primitivo núcleo, e a área de maior expansão urbana se fêz sôbre o terraço, até bem pouco tempo, por outro lado não é possível deixar de entrever a ocupação das colinas terciárias. Aí já se faziam loteamentos antes de 1930, mas a área só começou a ser esparsamente ocupada de 1945 para cá, tornando-se mais efetiva nos dias de hoje. Daí não podermos falar em um só nível para a cidade que corresponderia à parte terraceada; é preciso que se leve em conta o nível das colinas que a cidade tem galgado vagarosa mas seguramente. Nomes como Moji Moderna e Alto da Boa Vista, designativos de bairros das colinas terciárias, denotam não só o caráter recente da ocupação mas a consciência de um nível superior ao antigo de onde se descortina panorâmicamente tôda a cidade.



Fig. 34 — O largo da Estação, com seu indefectível ponto de táxis é um dos logradouros mais movimentados de Moji. Desembarcam aí numerosas pessoas diariamente provenientes dos subúrbios da Central ou de São Paulo.

(1958 — Foto do autor)

CRESCIMENTO

Crescimento da população

O crescimento demográfico de Moji das Cruzes esteve condicionado até quase o início do século atual aos reflexos da situação agrária dentro

de suas terras municipais, pois a cidade não possuía outros meios de crescer por si mesmo. Essa situação até as duas primeiras décadas deste século não justificava de forma nenhuma a ampliação, nem do espaço urbano de maneira considerável, nem de funções urbanas ou aquisição de outras funções por parte do pequenino núcleo nascido do movimento bandeirante; dessa forma a cidade cresceu muito lentamente desde o início até aproximadamente 1935. Algumas cifras poderão elucidar melhor a questão, embora apresentem em parte as mesmas deficiências, quanto à exatidão, que se observaram com relação à população do município. Assim EMÍLIO A. FERREIRA nos revela uma cifra dos primeiros tempos do arraial bandeirante, 1776, quando haviam 717 habitantes; depois desta surge uma outra do tempo do império (1876, A. MARQUES), com 2 500 pessoas para a cidade; finalmente os 10 500 habitantes assinalam a segunda década deste nosso século. A partir de 1935 então podemos apreciar as cifras mais exatas que marcam o período evolutivo da urbe mojiana: 1935, 18 000; 1940, 20 779; 1950, 40 884; 1955, 44 087, completados com a estimativa deste ano de 1958 que se situa em torno dos 50 000 habitantes. Cabe aqui lembrar ainda uma vez os dois fatores já apontados como dos mais atuantes no aumento da população: imigrantes japoneses e industrialização.

Entre 1930 e 1935 começaram a chegar os japoneses para a área mojiana, talvez atraídos pela proximidade de São Paulo, com as vistas voltadas para a sua horticultura, cuja produção estaria assegurada por aquele grande centro consumidor; ou talvez pelo baixo custo da terra o que aumentava suas possibilidades de aquisição. O fato é que aparecem aí os japoneses principalmente do tipo Chosu e provavelmente provenientes de províncias como Yamashira, Iga, Tamba, Settsu, Yamato, Kii, Omi, Iximu, Mino, Owasi, Satsuma, Hida ou Ise. Localizaram-se nos arredores da cidade principalmente em dois bairros rurais que são tipicamente nipônicos: Cocuera e Caputera. Em 1945 somavam 4 000 aproximadamente dos quais pelo menos 75% na zona rural. Hoje seu número é bem maior e sua produção hortícola, frutícola e avícola fizeram de Moji das Cruzes um dos maiores fornecedores desses produtos dentro do estado, sendo que a avicultura é o maior centro da América do Sul. Não só o número de emigrados e o crescimento vegetativo que apresenta o grupo como um dos mais prolíferos fizeram aumentar a população. A situação criada com a implantação daquelas atividades econômicas e seu comércio atraiu gente dos arredores que se ocupou de atividades complementares. Além disso houve considerável melhoria nas condições de abastecimento e de preço para o município e cidade de Moji das Cruzes, porporcionando maiores facilidades de aquisição e alimentação sã, como ovos, frutas frescas e verduras, pelos menos abastados, o que sem dúvida influi na evolução da população.

O segundo fato em que repousa o crescimento rápido da população é sem dúvida nenhuma a industrialização. O início dessa fase coloca-se

por volta de 1940, mas o grande impulso foi dado em 1947 com a inauguração da “Mineração Geral do Brasil”, usina dos irmãos JAFET nos limites setentrionais da cidade. A importante indústria passou a ser desde logo a terceira usina do gênero no país, fabricando ferro gusa e laminados, além dos tubos sem costura do tipo “Manesman”.

Essa siderúrgica sujeita a contínuas ampliações dá trabalho para mais de 2 000 operários, que antes eram captados pelas indústrias paulistanas. Seguindo o exemplo dos JAFET, outras grandes empresas como a Elgin, fábrica de máquinas de costura; a Schwartzmann, fábrica de pianos; a Viscose, fábrica de celulose e papel, plantaram dentro da própria cidade ou na sua periferia seus núcleos de produção. Assim muitos operários que saíam de Moji das Cruzes para trabalhar em São Paulo, já não o fazem; além disso a área tornou-se centro de atração para gente dos municípios vizinhos que não contam com essa modalidade de fonte de produção. Aqui também, como no caso dos japoneses, atividades subsidiárias notadamente as que se referem a transportes e ao comércio atraíram também novos contingentes à cidade e ao município.

A maioria esmagadora da população atual da cidade de Moji das Cruzes é de brasileiros natos. Os estrangeiros (alemães, italianos, sírio-libaneses, japoneses) reunidos não chegam a formar 10% do conjunto. Entre os estrangeiros sobressaem não só pelo número maior — 3 800 aproximadamente como pela atividade que desenvolvem, os japoneses. Fato que se nota de início é que embora nascidos no Brasil os filhos dos japoneses se comportam em seus hábitos, costumes e cultos como verdadeiros japoneses; parece mesmo que o seu dever de filhos de zelar pelas tradições da família, fazem-nos mais realistas do que o rei. De maneira que, se no conjunto fôssemos considerar como japoneses os nipo-brasileiros, então o número dos filhos do “Sol Nascente” cresceria bastante. Mas a impressão que se tem quando se caminha pelas ruas de Moji das Cruzes é exatamente essa; parece que há mais japoneses do que brasileiros. Realmente a presença dos orientais dá, inclusive, uma fisionomia diferente à cidade, isso porque eles se expandiram por todas as atividades: desde as profissões liberais como médicos, dentistas, professores, até comerciantes e comerciários, bancários, logistas, motoristas e um sem número de outras ocupações.

Destarte é rara a rua que não tenha pelo menos uma dúzia de tabuletas com caracteres orientais, despencando de um mastro verticalmente sobre a calçada, em negro ou em vermelho, chamando a atenção para um alfaiate, uma casa de consertos de rádios, ou um restaurante. Parecem viver com os brasileiros num contacto mais sincero e menos cheio de prevenções do que em São Paulo, embora êsse contacto social intenso não os prive de seu cumprimento à maneira oriental, de comer com palitos ou de cultivar os antepassados.

Crescimento do espaço urbano

A cidade cresceu em torno da igreja matriz, em uma secção bem plana e enxuta do terraço, a 500 metros aproximadamente a sudeste da atual estação da E.F.C.B. Muito tempo se teria passado sem que o pequeno núcleo pudesse ultrapassar o quadrilátero de vias onde se encerrara, representado pela rua do Carmo (José Bonifácio atual), rua do Patrocínio (Cap. Manuel Caetano), rua do Bom Jesus (Dr. Ricardo

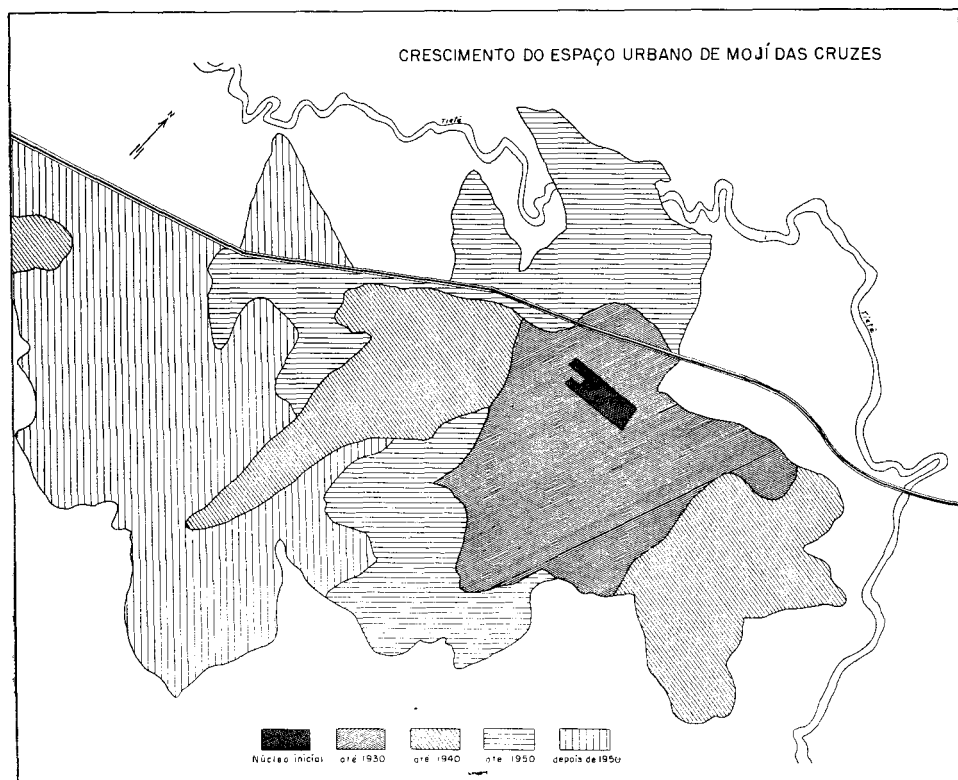


Fig. 35

Vilela) e rua do Rosário (Dr. Deodato Wertheimer) cuja continuação ensaiava galgar a encosta terciária, transformando-se em caminho. Em 1865 vamos encontrá-lo com 8 ruas: rua do Ipiranga (conservou o nome), rua Nova (Senador Dantas), rua do Rosário (Dr. Deodato), rua das Flores (Prof. Flaviano de Melo), rua da Palha (Cel. Sousa Franco); interrompendo aqui e ali algumas dessas vias, tínhamos 5 praças: da Matriz, da Cadeia, do Carmo, do Bom Jesus e do Rosário. Em 1872 o número de ruas duplica, sempre em torno do quadrilátero primitivo; além das já citadas apareceram mais: rua do Lavapés (Cel. Benjamim Guimarães), rua de Baixo, Municipal, da Esperança e de Santo Amaro. Aparecem também mais quatro largos: largo da Liberdade, do Socorro, Alegre, e do Ipiranga.

Em 1875, com o início do funcionamento da Central do Brasil, a cidade aproxima-se da linha férrea, ultrapassando-a mesmo, mas ape-

nas em um grande quadrado composto por quatro quarteirões. Daí para diante até 1930 a cidade se desenvolve novamente para o sul da linha da estrada, fugindo à proximidade alagadiça das barrancas do Tietê, trepando pelas colinas terciárias, formando na encosta os bairros: Vila Natal, Alto da Boa Vista, Parque Santana e Moji Moderno. Entre 1930 e 1940, deram-se mais dois avanços da cidade na direção sul, a leste e a oeste do espaço conquistado anteriormente. Êstes, como o que os precederam, também ocupam gradativamente a parte aplainada do terraço, iniciando depois a escalada das colinas terciárias. Formam-se assim a leste da primeira faixa os bairros: Vila Rubens, Flávio e Nanci, os jardins Avenida e Santista e o Alto do Ipiranga, já na zona colinosa. A oeste tivemos: bairro do Socorro, Vila Martins, Jardim Armênia, e as vilas Oliveira e Novo Socorro, todos êles circundando a chamada Estância dos Reis. Ainda na mesma época, isolada, forma-se bem a leste a vila Sintra, em local que só há pouco tempo a cidade alcançou.

Entre 1940 e 1950 a cidade ganha decisivamente o lado norte, atravessa a linha da estrada de ferro e só estaca sôbre a barranca do Tietê. Êsse é o espaço mais diretamente ligado à fase de industrialização de Moji das Cruzes, embora não seja exclusivo; aparecem então os bairros: Vilas Mojilar, Avignon, Industrial, Áurea, Moji e jardim Ponte Grande, os três últimos na margem oposta do rio. Isolado, e desta vez ao sul da linha da Central, entre o bairro do Alto Ipiranga e a longínqua vila Sintra, desenvolve-se também nesse período a vila Bernardotti. Finalmente, de 1950 a esta parte temos então a conquista de tôda a parte leste da cidade, insulando a vila Bernardotti, criada no período anterior e ligando o resto da cidade à vila Sintra. Aí o crescimento se faz quase todo para o lado sul, ocupando o restante da parte plana do sítio e subindo mais uma vez as suaves encostas terciárias: vila Socorro Velho, Paulista, da Estação Lavínia, Brás Cubas, Cléu, Cecília, Sagrado Coração de Jesus e Sagrado Coração de Maria. Brasileira, São Sebastião e Pomar, além dos jardins Santa Teresa, Jundiaí, Universo e Cecília são os bairros que aparecem. A única exceção de desenvolvimento para o norte é a vila São Francisco, de forma triangular, cujo vértice se coloca às margens do rio, e a base em frente à linha da Central.

Como se pode notar com facilidade, a cidade tratou de ganhar primeiro as partes mais enxutas e planas do terraço, para depois expandir-se pelas colinas terciárias do lado sul. Com isso procurou evitar sempre as zonas menos firmes e alagadiças que se estendem para o norte e para oeste em direção à barranca do Tietê. O que atraiu o único avanço considerável para norte foi a montagem aí da indústria dos irmãos JAFET, ao lado da qual se instalaram outras posteriormente. As barrancas do rio que meandrea ao norte e a oeste da cidade são ocupadas no mais das vezes por chácaras e sítios que aproveitam a umidade. Quanto às colinas é preciso deixar claro, não se acham total-

mente ocupadas por construções, principalmente em suas partes mais altas, embora haja o loteamento e com êle o arruamento. Aliás as colinas não puderam ser devidamente ocupadas antes por questões apenas de especulação imobiliária. É que entre 1930 e 1955 abateu-se sobre a cidade uma febre de loteamento a preços razoáveis. Nessas condições muita gente de fora, de São Paulo, interior e outros estados até, andaram comprando terras aí. Compraram e esqueceram. Bem mais tarde, de 1950 para cá a cidade começou a reclamar espaço, e apareceram então os donos pondo à disposição para vendas as suas terras, reavendo assim seu capital acompanhado de grossos dividendos.

Fisionomia urbana atual: aspectos gerais

O aspecto que primeiro chama a atenção é a tendência linear ou em sentido leste-oeste que a cidade apresenta, motivado pelo fato de as colinas de um e doutro lado, apertarem o espaço em que ela se assenta; compreende-se que dadas as circunstâncias de origem espontânea e da antigüidade, a parte central correspondente ao primitivo núcleo, tenha um traçado sem planejamento por vêzes tortuoso até, com ruas comprimidas, calçadas estreitas, que se cruzam com pequenas travessas e becos, dando aspecto desorganizado ao conjunto. Entretanto as partes mais recentes fogem também totalmente a um plano urbanístico pré-determinado. Parece que a cidade se tem desenvolvido ao sabor da vontade caprichosa das companhias loteadoras. Disso resultou quantidade grande de tabuleiros de xadrez que se estendem pela parte plana contornando o antigo centro, e depois galgam as colinas próximas. Tais tabuleiros encarados isoladamente não apresentam novidade alguma, bem traçados e arruados que são; olhados porém no conjunto da cidade apresentam-se, no mais das vêzes, ligados entre si por defeituosas e dificultosas vias de conexão, como se tivessem sido feitos apenas levando em conta o próprio traçado não importando as relações futuras com o conjunto. O mesmo defeito se nota em suas conexões com o centro da cidade. É interessante observar-se também, que, enquanto os loteamentos da parte plana apresentam quadrículas formadas por quadriláteros ou retângulos perfeitamente regulares, os que sobem a encosta adquirem traçados irregulares para os seus quarteirões, que se mudam em trapézios, losangos e, às vêzes, ensaiam até curvas que possam facilitar o acesso.

As vias mais extensas dispõem-se em sentido geral leste-oeste, cobrindo tôda a parte terraceada, ao passo que as outras em sentido norte-sul cruzam-nas, demandando, de um lado as colinas e de outro, a via férrea ou a barranca do rio. Quase tôdas são calçadas e boa parte das centrais é asfaltada.

Pela fisionomia das casas percebe-se o traço mais antigo do quadrilátero central, cujos limites são as ruas Senador Dantas, Dr. Ricardo Vilela, Capitão Manuel Caetano e Isabel de Bragança. As outras cir-

cundantes, embora denotem sempre a sua velhice, já sentiram o impacto da ação renovadora. Sem dúvida a parte mais nova se estende para o sul do pé das colinas em direção à encosta, e a leste onde os loteamentos são apenas parcialmente ocupados.

O conjunto estrutural urbano é composto por 13 avenidas, em que se destaca a Voluntário Fernando Pinheiro, que se entrosa com a rodovia para São Paulo, 278 ruas, 7 becos e 12 largos, perfazendo um total de 310 logradouros públicos, onde se acham construídos aproximadamente 13 000 edificações, contra 4 200 que havia em 1935 e 1 200 em 1925. A grande parte desses logradouros (272) recebe iluminação domiciliar e 208 têm iluminação pública.

O aspecto geral da cidade é compacto, com o casario homogêneo e bem unido; raramente há casas isoladas de ambos os lados, ou com recuo para jardim. Contribuindo para essa uniformidade de conjunto temos apenas 226 edifícios até 3 pavimentos e um de seis andares, o resto são casas em sua maioria de estilo arquitetônico dos princípios do século, com um só pavimento. Muitas vezes chama a atenção o contraste de detalhe, que põe diante do observador uma antiga via estreita e acanhada, desembocando em uma larga avenida de aspecto moderno. Em Moji das Cruzes somos capazes de ver lado a lado edifícios do tempo do Império, construídos de taipa com rótulas e largos beirais e casas estilo "Niemeyer". Aliás, quanto às casas antigas, há em Moji das Cruzes a rua Ipiranga, que deveria ser incorporada ao patrimônio



Fig. 36 — A rua Ipiranga é um verdadeiro monumento do passado em Moji. Foi das primeiras que apareceram e suas casas guardam ainda aspecto de antanho com suas paredes de taipa e seus largos beirais.

(1958 — Foto do autor)

histórico nacional, pelo aspecto tipicamente colonial, de suas casas, de cujo frontispício pendem, em alguns casos, lampiões, lembrando noites de serenata que evocam o tempo da valsinha, enfim, um legítimo monumento do passado.

Por outro lado é grande a faina no quadrilátero central, com seu movimento comercial intenso, com seus cinemas, com a praça da Estação e a do Rodoviário, com sua alegre praça Osvaldo Cruz, onde à noite os rapazes e as moças do lugar fazem o *footing*, cada grupo num sentido, bem à moda provinciana das cidades do interior paulista. Olhando para êsse nível terraceado, o alegre e novo casario das colinas forma o segundo nível dessa laboriosa Santana das Cruzes de Moji.

Aspectos funcionais de Moji

Duas são as funções que se destacam no concêrto das atividades exercidas pela cidade — o comércio e a indústria — achando-se ambas secundadas pela atividade do transporte, que lhe dá sua posição invejável de via de passagem entre duas grandes áreas metropolitanas.

Realmente, o comércio é aí bastante desenvolvido, não só no que concerne ao movimento de capitais dentro do próprio âmbito urbano, como também no que se refere às transações intermunicipais, com destaque para as que se efetuam com o Rio de Janeiro e com São Paulo. O fato tem suas razões de ser. São Paulo é centro abastecedor da cidade em produtos manufaturados de grande diversificação, ou de material de importação estrangeira, ao passo que Moji das Cruzes exporta pouco para São Paulo, pois apenas complementa a função fornecedora do cinturão verde paulistano, exceção feita ao fornecimento de ovos, fornecimento êsse que mantém com primazia quase absoluta. De outro lado, entretanto, Moji das Cruzes recebe muito pouco do Rio de Janeiro, funcionando porém como cinturão verde recuado do Rio de Janeiro, enviando-lhe aves e ovos em quantidades significativas e frutas, legumes e verduras nas mesmas condições.

Amparada pela produtiva zona rural, que conta com mais de um milheiro de granjas, produzindo quatorze milhões de dúzias de ovos por ano* e por uma série de pequenas propriedades — predominam as de cinco hectares — produzindo quantidades elevadas de hortaliças e frutas,** Moji das Cruzes ganhou papel de destaque no cenário da economia paulista. De outra parte a indústria mojiana, de desenvolvi-

* O número de galinhas de Moji das Cruzes aproximadamente atinge 1 400 000 que botam por dia uma média de 480 000 ovos. O valor calculado de tais galinhas é de mais de Cr\$ 70 000 000,00, e o da produção de ovos, é de mais de Cr\$ 300 000 000,00 (1917).

** Aboborinha, alface, batatinha, batata roxa, couve, cenoura, ervilha, milho, mandioquinha, pimentão, pepino, repólho, tomate e vagem são alguns dos produtos da zona rural de Moji das Cruzes, com destaque para batata-doce (200 000 sacas de 60 kg) repólho (484 000 jacás de 29 repolhos cada) batatinha (470 000 sacos de 60 kg). Entre as frutas merecem destaque o caqui (60 000 caixas com 120 frutos c/d), a uva (86 000 caixas c/ 8 k) o pêssego (76 000 caixas com 28 frutos) e limões sicilianos (20 000 sacos). (Dados de 1957). É interessante lembrar que anualmente se realiza a festa do caqui, oficializada pelo governo do estado, encontrando repercussão favorável, com a festa do figo em Valinhos e da uva em Jundiá ou a da maçã em Campos do Jordão.

ESQUEMA FUNCIONAL DE MOJI DAS CRUZES

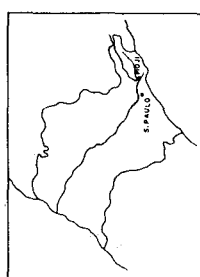


Fig. 37

mento recente, ensaia seus passos inclusive em setores especializados da metalurgia. A fábrica de tubos sem costura — tipo Manesmann —, é um exemplo disso. É justamente por causa dessas duas atividades capitais, que a cidade precisou pôr em dia sua capacidade transportadora, que assim tem enfrentado as necessidades da produção e das trocas comerciais.

A atividade comercial urbana vivifica a parte abrangida pelo quadrilátero central, mas em especial as ruas José Bonifácio, Dr. Paulo Frontin, Cel. Sousa Franco, Dr. Ricardo Vilela, Dr. Deodato Wertheimer, praça do Rodoviário e praça Osvaldo Cruz. Além dessas, fora do quadrilátero, fazem-se notar a rua Cabo Diogo Oliver, a avenida Voluntário Fernando Pinheiro. Nessas ruas o movimento é grande e a atividade comercial se diversifica: são casas de louças, fazendas, confecções, joalheiros, casas de rádio, de modas, ópticas, enfim toda a gama de ramos comerciais. É forçoso destacar pelo movimento e pela variedade a rua Dr. Deodato Wertheimer, réplica mojiana da movimentada rua Barão de Itapetininga em São Paulo. Nas travessas que cortam as ruas principais do quadrilátero é possível encontrar-se uma série de estabelecimentos de menor importância mas sempre ativos, com bares, sorveterias, sapatarias, açougues. É interessante notar que as casas comerciais em sua grande maioria são adaptadas; é difícil ver casas que de frente a fundo sejam animadas pela atividade comercial, pois de maneira geral, a parte traseira é residência, muitas vezes, não pertencente ao dono da casa comercial que lhe fica à frente. Por outro lado, nota-se tendência atual, para expansão da área de comércio, principalmente em direção à avenida Voluntário Fernando Pinheiro, ampla via cuja continuação é a estrada de rodagem que liga Moji das Cruzes a São Paulo.

O Mercado Municipal, por sua vez, constitui-se em legítimo representante da atividade comercial de Moji das Cruzes. Está situado entre as ruas Coronel Sousa Franco, Prof. Flaviano de Melo, travessa do Mercado e Presidente Rodrigues Alves, posição essa adjacente ao quadrilátero central. A construção compreende um pavimento térreo com área acima de 1 200 metros quadrados, onde têm suas bancas mais de 120 firmas vendedoras dos mais variados artigos entre os quais verduras, cereais, frutas, carnes e ovos.

Outra atividade que merece menção pela sua importância na vida urbana, são as feiras livres. Sua regularidade e constância dizem bem alto do movimento que fazem. As quartas-feiras e sábados, aparecem nas ruas Cel. Sousa Franco e Dr. Correia; aos domingos na rua Cabo Diogo Oliver; às quintas na rua Santana; e às terças e sextas na rua Um, no bairro da Mineração. Finalmente, instituições como a Associação Comercial, Cooperativa Agrícola e Cooperativa Mista de Moji das Cruzes, cuidam dos interesses que pautam a vida comercial da cidade representada por quase dois milhares de estabelecimentos.

A atividade bancária em que se estriba grande parte do movimento comercial da cidade, conta como principais representantes: o Banco da América do Sul S/A., o Banco Nacional da Cidade de São Paulo, ambos situados na rua Dr. Deodato Wertheimer; o Banco Mercantil de São Paulo, na rua Cel. Sousa Franco, o Banco do Brasil, na rua Barão de Jaceguai, e os bancos Planalto de São Paulo, Banco Popular do Brasil e Banco de São Paulo, situados na avenida Voluntário Pinheiro Franco.

A função industrial é bem representada em Moji das Cruzes, não só pela quantidade dos estabelecimentos, como também pela qualidade e natureza dos seus produtos que abrange quase tôdas as categorias. Temos aí, desde a indústria extrativa de produtos minerais e vegetais, passando pelas indústrias mecânicas e metalúrgicas, atingindo outras categorias como: indústria de transformação de minerais não metálicos, indústria da madeira, couro e peles, mobiliário, papel e papelão, farmacêutica, de vestuário, pianos, e indústrias têxteis. Uma se destacam pela sua importância de âmbito nacional como a Mineração Geral do Brasil, dos irmãos JAFET, a Elgin, fábrica de máquinas de costura ou a Schwartzmann, fábricas de pianos. Outras, como os Laboratórios Griffith do Brasil, as indústrias Caramuru, a Indústria de Papéis Simão S/A, ou os grandes lanifícios Itu e Santa Josefina, a Cia. Industrial Mojiana de Tecidos ou as Sêdas Juttmann têm importância regional. Finalmente, são inúmeras as que têm interesse puramente local, como as cerâmicas, as fábricas de louças e porcelanas.

A maioria desses estabelecimentos trabalham com matéria-prima importada de São Paulo, principalmente, ou estrangeira, mas procedente da capital do estado. Pelo menos dez milhares de operários entre homens, mulheres e menores servem à indústria mojiana. As indústrias se localizam de preferência na zona norte da cidade, junto à linha férrea, ou ao Tietê, ou entre um e outro. Essa situação é das mais felizes, pois não só facilita a recepção da matéria-prima como também a exportação do produto acabado, utilizando a via férrea sem ter problema de transporte para a zona central da cidade, fato que ocasionaria sem dúvida o atravancamento do trânsito nas estreitas ruas de Moji das Cruzes. Por outro lado, as indústrias maiores utilizam-se dos benefícios da presença do rio próximo, inclusive para se desfazerem dos resíduos. Entretanto, além dessa zona, indústrias menores, com outros problemas preferem já as proximidades do centro. Há ainda um terceiro aspecto na questão da localização que é o que dá preferência à área limítrofe entre a parte urbana e a parte rural, como acontece entre outras com a fábrica de papel.

Enfim, a indústria mojiana justifica a sua posição como um dos fatores mais importantes no desenvolvimento da cidade; é nova ainda, é verdade, mas já colabora eficientemente com o parque industrial paulista, e promove um movimento de produção muito próximo dos dois bilhões de cruzeiros, como aconteceu no ano passado.

O transporte é a atividade que complementa e muito bem as funções citadas. Moji das Cruzes liga-se por ferrovia e por rodovia a São Paulo de um lado e ao Rio de Janeiro de outro, e dessa posição de passagem tem tirado inúmeras vantagens, quer recebendo, quer exportando mercadorias. Se a importação de produtos manufaturados, principalmente de São Paulo, é de vital importância para a cidade, não é de menor interesse a sua exportação, principalmente de gêneros alimentícios, para o Rio de Janeiro. Nesta atividade concorrem sempre a E.F. Central do Brasil e a estrada de rodagem, muitas vezes levando a pior a ferrovia, o que até certo ponto pode causar espécie. Entretanto, a situação se explica facilmente se levarmos em conta que os gêneros exportados por Moji das Cruzes para o Rio de Janeiro são em sua maioria altamente perecíveis. Um material de tal categoria não pode ficar sujeito aos atrasos costumeiros que se verificam na entrega das mercadorias pela Central. Dessa forma, seguem diariamente para a capital do país em caminhões, que embora aumentem o preço do frete, asseguram, por outro lado, uma possibilidade a mais na chegada daqueles produtos em condições satisfatórias de serem postos à venda. Isso é tanto mais verdadeiro quando se verifica que o transporte se efetua em caminhões das cooperativas, que têm grande responsabilidade frente aos produtores seus filiados. Não é raro, segundo pudemos observar, haver reclamações e até prejuízos ponderáveis para o produtor, quando essa mercadoria viaja por estrada de ferro, pois mesmo visível a fragili-



Fig. 38 — Ainda hoje há quem explore as matas da região de Moji das Cruzes, para a obtenção do carvão. O reflorestamento se faz à base de eucaliptos. Dessa forma o "carvoeiro" ainda não desapareceu da paisagem urbana.

(1958 — Foto do autor)

dade dos produtos, aquela companhia não lhes dispensa cuidados condignos. Apesar de tudo porém, a Estrada de Ferro Central do Brasil ainda transporta tonelagem apreciável de produtos mojianos, dada a necessidade de se dar vazão à produção. É, entretanto, a função que o caminhão exerce, que impressiona mais a fisionomia urbana, fazendo da rua Dr. Deodato Wertheimer uma miniatura da avenida Celso Garcia em São Paulo.

No setor do transporte coletivo, a Central do Brasil, que conta com cinco estações dentro do município, serve a um contingente apreciável de operários e estudantes que fazem o caminho Moji das Cruzes-São Paulo, pagando Cr\$ 3,00 para viajar nos demorados e mal cheirosos carroções atados a mais de duas dezenas de trens suburbanos diários. De outro lado cinco principais empresas de ônibus particulares servem à cidade: a “Empresa Auto-Ônibus Moji Ltda. que faz a linha São Paulo-Moji das Cruzes, com vinte e cinco partidas e chegadas diárias; a “Empresa de Auto-Ônibus Ecoles”, que liga Moji, Biritiba-Açu, Brás Cubas, Capela do Ribeirão, César de Sousa, Fazenda Pindorama, Jundiapéba, Manuel Ferreira, Mineração Geral do Brasil, Quatinga e Tapanhaú; a “Empresa de Auto-Ônibus Santa Maria” que liga Moji, Jacareí, Guararema, Sabaúna, Biritiba-Mirim, Casa Grande e Salesópolis; finalmente as empresas “Irmãos Squarcine” e “Auto Viação Santana” a encarregada de linhas circulares, ligando o centro com vários bairros da cidade. Delas tôdas, principalmente a primeira, faz certa concorrência



Fig. 39 — *Um dos mais antigos expoentes da função religiosa em Moji é o Convento Carmelita ordem que vem acompanhando a cidade desde quase a sua fundação.*
(1958 — Foto do autor)

ao transporte ferroviário, pois as pessoas de possibilidades um pouco melhores com relação às do operário, preferem os seus serviços, feitos em viaturas modernas, limpas, rápidas, confortáveis e pontuais. ao preço de Cr\$ 42,00. A partida desses ônibus de Moji das Cruzes é feita de uma estação rodoviária colocada na praça Dona Firmina Santana, bem no início da Avenida Voluntário Fernando Pinheiro, que se liga diretamente à estrada para São Paulo, facilitando assim grandemente o acesso à capital, sem os inconvenientes que acarretam a travessia de trechos movimentados do centro da cidade. Tal estação é uma iniciativa particular e continua como propriedade particular; o movimento de embarque e desembarque aí efetuado atinge em média mais de seis mil pessoas diariamente.

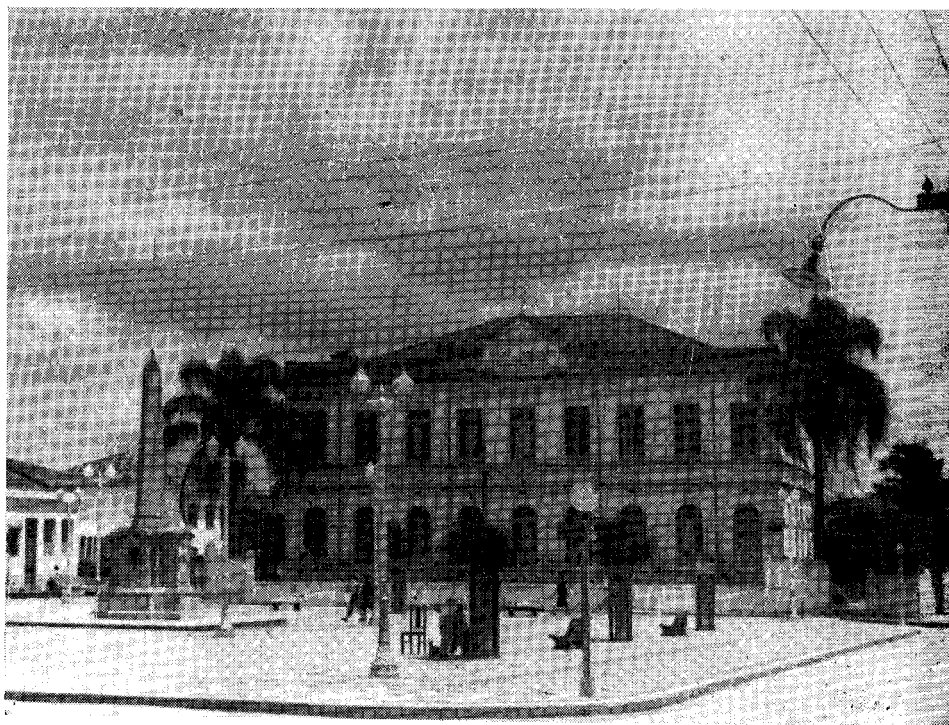


Fig. 40 — O simpático edifício do Colégio Estadual de Moji, que infelizmente já não atende às crescentes necessidades locais é órgão mais representativo da função educacional da terra. (1958 — Foto do autor)

A população mojiana é essencialmente religiosa, predominando o catolicismo, sem entretanto deixarem de estar representados os batis-tas, adventistas e metodistas além dos espíritas. A par dos templos re-presentantes das práticas não católicas, temos como centro de destaque desta última a igreja matriz de Santana, a igreja de Nossa Senhora do Rosário, a de Nossa Senhora do Carmo, a de São Benedito, além do Convento do Carmo, tôdas situadas no quadrilátero central e algumas capelas espalhadas pelo resto da cidade.

O ensino merece cuidados especiais do povo de Moji das Cruzes, que mantém em seus grupos escolares oficiais mais de 3 000 crianças,

AS COMUNICAÇÕES EM MOJI

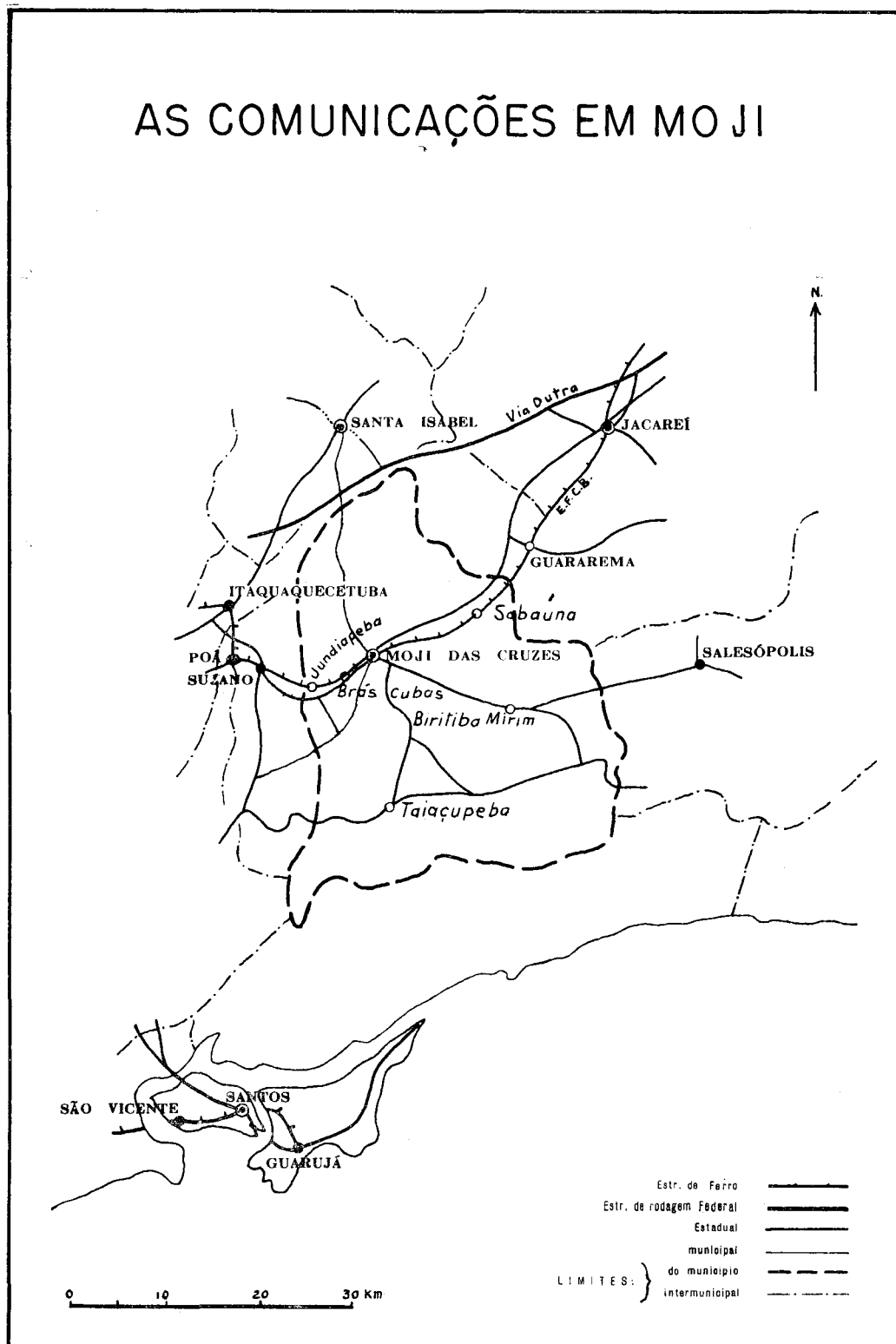


Fig. 41

além do Instituto de Educação que conta com 1 500 alunas entre ginásio, colégio e normal. Outras escolas do mesmo gênero e caráter particular completam o quadro nesse setor. Merecem menção, entretanto, no âmbito particular, duas instituições: o Instituto Dona Placidina e o Liceu Brás Cubas. O Instituto que é dirigido pelas irmãs de São Vicente, funciona desde 1911, e mantém por volta de mil crianças, entre internas e externas, distribuídas pelos cursos pré-primário, primário, admissão ao ginásio, cursos profissionais e musicais. O Liceu, que funciona desde 1938, conta com mais de mil e duzentos alunos, que se distribuem pelo curso comercial básico, técnico de contabilidade, normal livre, primário, ginásial e dactilografia. O eficiente estabelecimento fundou ainda uma Associação de Pais e Mestres e anexou uma cooperativa escolar, num brilhante exemplo da cooperação particular da família junto ao ensino, procurando resolver problemas de ordem pedagógica e econômica dentro dessa atividade. O ensino profissional conta ainda com outros estabelecimentos dos quais sobressai a escola do SENAI, que conta com inúmeros alunos. Várias associações entusiastas das letras e da música e duas estações de rádio, complementam a atividade cultural em Moji das Cruzes.

Vários estabelecimentos cuidam da assistência social e hospitalar na cidade, como a Liga Munitária, o Pôsto de Puericultura, a Casa da Criança, o Lar Batista da Criança, o Lar Escola, a Santa Casa de Misericórdia, o Centro de Saúde e o Dispensário de Tuberculosos, apenas para enumerar alguns.

Entretanto, o povo laborioso de Moji das Cruzes, que impulsiona sem cessar o progresso do antigo arraial bandeirante, não esquece de seus divertimentos e de sua vida ao ar livre, através de cinco bons cinemas, de várias sociedades recreativas e clubes desportivos como o Náutico, que aproveita as águas da antiga via de penetração.

Dentro dessa rápida visada da vida urbana de Moji das Cruzes, nada nos lembra aquêlê ritmo modorrento do pequeno aglomerado do século passado. A cidade evolui, e sua evolução em todos os setores de atividade nos faz crer numa projeção futura muito maior. Hoje já domina a região tôda do alto vale superior do Tietê. A proximidade de São Paulo pelo lado oeste fará com certeza com que a cidade estenda suas vistas para o vale do Paraíba, prolongando seu raio de ação nessa direção. A continuar no mesmo ritmo de crescimento e produtividade, não nos é lícito duvidar que fazendo sombra às cidades daquele vale, possa vir a se firmar como líder regional do oriente paulista.

CONCLUSÕES

Sem dúvida nenhuma, pelo menos a secção mojiana do alto curso superior do Tietê teve progresso rápido nessas últimas quatro décadas, no que se refere principalmente à sua produtividade agrícola. Esse progresso rápido trouxe problemas técnico-agronômicos e comerciais

referentes à venda das safras; êstes últimos são mais renitentes, dada a instabilidade dos preços, trazendo, como consequência, insegurança para o agricultor. É da falta de racionalização de processos de comercialização que decorre a instabilidade, isso porque, é insuficiente em São Paulo e no Distrito Federal o número de frigoríficos para guardar e distribuir os gêneros perecíveis nas entressafras e insuficientes, também, são os mercados de distribuição para atender a tôda a população.

Da falta de elementos reguladores como são os armazéns e mercados distribuidores, verdadeiro termômetro da vida agrícola da chamada pequena lavoura, vem o sobressalto do produtor na época da safra, quando, pela venda de seus produtos não apura o suficiente para garantir a produção continuada de sua lavoura e mesmo a manutenção de uma vida decente para si e para os seus. Um exemplo do problema é a safra recorde que demos com referência à batata-doce: 500 000 sacos de 60 quilos. Tal safra, mal se iniciou e já os preços vis atingiram o produto: 70,00 por saco, pôsto no Rio ou em São Paulo, ou seja de 1,20 a 1,50 por quilo. Ora, o saco custou quase 20,00 e o transporte 43,00 por saco, despesas essas que correram por conta do lavrador, daí só essas duas despesas cobrirem o que o lavrador recebeu como pagamento por saco sem contar ainda com o custo da produção no campo até a colheita. Por seu lado o consumidor paga de 6,00 a 8,00 o quilo do produto.

Se houvesse mercados distribuidores em número suficiente na maioria dos bairros de São Paulo e do Rio, se houvesse armazéns onde estocar o produto, a vida de sobressalto deixaria de existir. O lavrador recebendo tão pouco, o consumidor ainda paga caro, porque tendo os centros consumidores insuficiência de mercados distribuidores, um pequeno excesso aparente na produção ou colheita, concentrado em determinada época, abarrota os poucos mercados existentes. Abarrotando, dando idéia falsa de abundância, os preços caem para o produtor, e como os bairros distantes não recebem com rapidez a mercadoria de acôrdo com suas necessidades os preços para êles se conservam altos. É um círculo vicioso.

Além dêsses há outros problemas afligindo a lavoura no alto curso superior do Tietê. Mesmo levando em consideração os bons serviços que as cooperativas agrícolas mistas prestam ao agricultor, deve haver um maior entrosamento delas com os serviços da Casa da Lavoura. Os serviços desta precisam ser mais eficientes na zona, o que não se conseguirá sem uma desburocratização das funções do agrônomo regional, sem dar condução própria ao pessoal técnico da Casa, sem uma distribuição por parte dêsse órgão de sementes e mudas garantidas em número suficiente e em época certa. É preciso, além disso, que se faça uma regulamentação e uma fiscalização eficiente do comércio de adubos e rações de modo a garantir o fornecimento de produtos de boa qualidade, de análise comprovada, evitando abusos nos preços e fraude na sua composição.

Outro ponto capital, é o que se refere a impostos e tem âmbito nacional, sendo debatido e pleiteado por quantos trabalham a terra. É inútil insistir mais nesse ponto: o produtor deve ter isenção de impôsto de vendas e consignações, na primeira operação de venda, isto é, na transmissão do produto do agricultor para o primeiro comprador. Para o impôsto territorial rural, deve ser estabelecido um critério único, estadual, funcional, e impessoal evitando flagrantes disparidades no valor do impôsto, para propriedades de situação e localização idênticas. Mas há, ainda, o problema das comunicações. Se as atuais estradas de rodagem, cortando tôda a área produtora devem ser melhoradas e seu número aumentado, de modo a atingir tôdas as glebas de produção, não é menos necessário uma extensão do transporte ferroviário no mesmo sentido. Um exemplo dessa carência temos na cidade de Salesópolis e tôda a secção do alto Tietê a sua volta; zona que pode produzir como produz a secção mojiana, zona para onde começam a se canalizar os esforços do agente transformador de paisagem, que é o japonês, necessita do apoio da ferrovia para seu desenvolvimento, do contrário veremos sempre essa enorme discrepância de importância e produtividade criando dois pólos opostos, um positivo, Moji, outro negativo, Salesópolis, dentro da região do alto curso superior do Tietê.

SUMMARY

Studying the economic conditions of the Upper Superior Course of Tietê Region the author concludes that the spreading incapacity of production of the soils of the region consists in the absence of proper methods of cultivation, in the deficiency of transports and in the complete inexistence of technicians to prepare man to live in the field.

Besides that there are no methods of cultivation, nor warehouses for keeping the products in stock, even for that deteriorating goods, what doesn't stimulate the farmer's strength and interest in cultivating.

According to the author the consequences of the missing transportation are evident and impressive, reason for what the buyer trade tries to get the product where the freight cost is paid by the seller.

The author exemplifies showing what occurs with sweet potato where the freight cost is so high that the interest of the farmer is not considered.

He tells also, about the incidence of Federal taxes frequently increased and he argues for the exemption of selling and consignment imposts for the producer in order to get an equilibrium or reasonable compensation to that one, who besides facing all the unsuspected risks must pay the freight cost until the product of his strength arrives free of all taxes to the buyer's hands.

And it is this intermediate, the man of the buyer centres who gets the most parte of the profits and generally settles the prices of the products.

RÉSUMÉ

En étudiant les conditions économiques de la région du cours supérieur du Tietê, l'auteur conclut que l'incapacité productive des sols de cette région provient du manque de ressources, de l'insuffisance des transports et du défaut de préparation technique pour la vie agraire.

L'absence de plans d'activité agricole, de magasins pour le "stock" des denrées, même pour celles qui courent le risque de se perdre, décourage le cultivateur.

En conséquence du défaut des transports, le commerce ne peut acquérir la marchandise que si les frais de ce transport soient à charge du vendeur.

Ensuite l'auteur nous parle de la pomme de terre douce dont les frais de transport absorbent tout le lucre possible de l'agriculteur.

Il cite, ensuite, l'augmentation constante des impôts et demande l'exemption des tributs de vente et de consignation pour l'agriculteur qui, ayant à courir tous les risques, doit encore supporter les frais du transport. Car le grand bénéficiaire des lucre, qui fixe lui-même les prix, c'est l'intermédiaire des grands centres.

OBRAS CONSULTADAS

- AB'SÁBER, Aziz Nacib — "A terra Paulista", *Boletim Paulista de Geografia*, n.º 23, julho de 1956.
- Idem — "O problema das conexões antigas e da separação da drenagem do Paraíba e do Tietê". *Boletim Paulista de Geografia*, n.º 27, junho de 1957.
- Idem — "Os terraços fluviais da região de São Paulo" — *Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" da Pontifícia Universidade Católica* — 1952-1953.
- AZEVEDO, Aroldo de — "O Vale do Paraíba: Trecho Paulista" — *Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia*, vol. V.
- Idem — *Subúrbios orientais de São Paulo* — Tese de concurso, São Paulo, 1945.
- BATALHA, Jair Rocha — "Os Japoneses no Município de Moji das Cruzes". *Anais do X Congresso Brasileiro de Geografia*, vol. III.
- CAPRI, Roberto — *Os municípios do estado de São Paulo de 1913 a 1922*. São Paulo, 1922.
- D'ALICOURT, Luís — *Memórias sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*. São Paulo, 1953.
- DEFFONTAINES, Pierre — *Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo*.
- EGAS, Eugênio — *Os Municípios do Estado de São Paulo*. São Paulo, 1928.
- FREITAS, Afonso de — *Geografia do Estado de São Paulo*. São Paulo, 1906.
- FERREIRA, Emílio A. — *Moji das Cruzes: dados históricos e notas diversas* — 1935.
- MARQUES, Azevedo — *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*. Tomo III. Edição comemorativa do IV Centenário da Cidade de São Paulo — 1952.
- MONBEIG, Pierre — *Problemas da Divisão Regional de São Paulo*.
- Idem — *A Divisão Regional do Estado de São Paulo*.
- MÜLLER, D. Pedro — *Ensaio dum Quadro Estatístico da Província de São Paulo*. São Paulo, 1932.
- PIZA, Marcelo — *Os Municípios do Estado de São Paulo. Informações Interessantes*. Edição do Departamento Estadual do Trabalho, São Paulo, 1924.
- WASHBURNE, Chester C. — "Petroleum Geology of the State of São Paulo — Brazil". *Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo*, n.º 146 — Geologia n.º 9 SP.
-